

GLÊNIO SÁ

Uma história de luta e de amor

PARECIDOS POLÍCIA
PIERRILHA DO ARAGUAIA
do Para 12 de abril de 1972 a 05 de janeiro de 1975
POB - Partido Comunista do Brasil



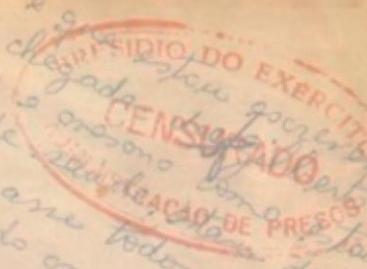
MINISTÉRIO DO EXERCÍCIO
SERVIDO DO EXERCÍCIO
SERVIDO DO EXERCÍCIO

DECLARAÇÃO
DECLARAÇÃO

DECLARO que o portador da presente
DECLARO que o portador da presente
DECLARO que o portador da presente



...e é quando chegou a hora de se despedir...
...e é quando chegou a hora de se despedir...
...e é quando chegou a hora de se despedir...



DEPOIMENTOS

CENSURA

COMPANHEIRO GLÊNIO SÁ, PRESENTE! AGORA, E SEMPRE!

Faltam-me palavras para dimensionar o significado da vida e da perda de Glênio, não apenas para a política brasileira, mas especialmente para mim e nossos filhos. Guardo dele a doce lembrança de um companheiro amigo e confidente muito calmo, amoroso, compreensivo, de um temperamento extremamente afável e presente nas horas em que se fizeram mais necessárias.

Como pai presente, paciente, carinhoso e brincalhão, moldou a personalidade e o caráter de nossos filhos, que hoje dão continuidade à sua militância, seja no PCdoB ou em outras frentes de luta, porém em sua contemporaneidade.

Na política, deixou a marca da coerência, honestidade, desprendimento, lealdade, renúncia pessoal e, acima de tudo, incorruptibilidade. Como homem público e político forjado na luta, era extremamente responsável para cumprir as tarefas revolucionárias, com a profunda convicção de que era possível trabalhar com as diferenças políticas sem perder o prumo. Desde 1968, quando ingressou nas fileiras do PCdoB, empenhou-se para que o Partido estivesse à altura de cumprir seu papel, e para que nós pudéssemos viver em democracia e desfrutássemos das liberdades individuais e sociais conquistadas.

Era um homem simples, como foram as nossas vidas, que reconhecia as suas fraquezas e, na convivência com a família, com os amigos, com o povo e com seus camaradas, buscava a disposição para forjar as lutas.

Em sua ação consciente, sabia que ser comunista era uma opção cotidiana, de transformação real e consciente nas ideias e práticas, no comportamento ideológico e moral, na elevação do nível de compreensão política e das aptidões práticas, no desempenho das atividades partidárias e das responsabilidades.

Tenho a convicção de que a precoce partida não interrompeu o seu legado, deixando-nos o exemplo do companheirismo, da combatividade, da coragem, da luta, mas acima de tudo do amor. Sim, de tudo que aprendi, o maior legado deixado por Glênio fora o amor mais puro, sincero e incondicional que oferecia no trato com as pessoas.

Na lembrança do homem doce, calmo, paciente e sorridente de Glênio, dou um mergulho de 38 anos e vejo-me em 1976, ano que o conheci e que iniciamos nosso namoro.

Um belo dia, saindo do trabalho, resolvi ir a pé para casa, passando pela antiga praça Pedro Velho, hoje praça Cívica, e vejo Glênio descendo de um ônibus, com um andar apressado, que

era bem o jeito dele. Consegui alcançá-lo e ainda brinquei... Tinha o conhecido em minha casa, em uma das diversas vezes em que foi conversar com Walter Medeiros. Levava sempre consigo um rádio gravador (que somente algum tempo depois entendi o sentido. Estava fazendo a reconstrução dos documentos do PCdoB a partir da própria memória e, posteriormente, com a ajuda deste instrumento, que fixava as informações da Rádio Tirana).

Conversamos muito sobre nossos estudos. Estava concluindo os estudos no Winston Churchill para fazer o vestibular. Neste momento, fui tomada pelo sentimento da indignação, ao contar-lhe que as minhas provas haviam sido retidas pela direção da escola. O diretor era o professor Ornelis, um militar, e só aceitava líder de classe. Eu e meus colegas estávamos envolvidos na formação de um grêmio estudantil. Chegamos a conseguir um número de 11 pessoas, quando a direção nos notificou, afirmando que se insistíssemos seríamos prejudicados. E assim fizeram. Já chegando o fim do ano, prestamos nossas provas finais. Sempre tive boas notas, mesmo já trabalhando, tendo, por vezes, que fazer minhas revisões no próprio emprego. Falei para Glênio da minha preocupação quando não encontrei o valor de minhas notas, que eram fixadas na entrada, do lado esquerdo do corredor, da escola. Ao lado de meu nome e de todos que estavam envolvidos naquele movimento estudantil, havia apenas uma interrogação.

Procurei a direção, mas fui surpreendida com a informação de que as notas não constavam na caderneta. Marlúcia, uma amiga minha das mais estudiosas e entusiasmadas, disse que iria falar com um tio que era advogado para conseguirmos nossas notas. Nessa nossa primeira conversa, Glênio quase não falou, apenas me ouvia, com a paciência de quem parecia ter todo tempo do mundo ainda pela frente. Disse apenas que já tinha participado de grêmios nas escolas onde havia estudado em Mossoró e Fortaleza.

Neste dia, dera a primeira investida para um relacionamento excepcionalmente maravilhoso que tivemos. Perguntou-me se tinha namorado, mas eu desconversava. Apesar de sua paciência e ternura, percebi um olhar assustado e uma inquietude em seus gestos (aspectos pessoais que pouco tempo depois revelara ser as sequelas das prisões). Ele desistiu de esperar Walter e perguntou se eu sabia onde ele poderia pegar um ônibus que passasse na Bernardo Vieira. Levei Glênio até o portão e mostrei o caminho que teria que seguir: “ao chegar à esquina desta rua, onde há uma cigareira, entre à esquerda e logo verá um muro branco, o muro do cemitério, a parada é lá”. Ele brincou e disse: “então, não vou. Vai que uma alma me pega e me acompanha. É melhor voltar de táxi”. Era apenas um pretexto para insistir em me namorar. Anotou o telefone da casa de sua irmã, que era também sua vizinha, dizendo que estava em casa sempre à tarde, e na despedida me tascou um beijo.

O reencontro com Glênio na praça Pedro Velho foi o mais agradável acaso que poderia ter nos acontecido. Sua pressa ao descer do ônibus era para encontrar um sebo e procurar alguns livros. Mas logo que nos vimos desistiu da busca e me perguntou: “você não quer conversar um pouco? Quero tanto lhe contar uma história”. Era cedo da tarde e fomos conversar no Bosque dos Namorados, onde já havíamos nos reunido com amigos para falar de política. Atencioso e gentil, nos comprou água de coco e me perguntou o que achava do seu jeito, já tinha comentado do seu andar apressado e do olhar assustado. Queria saber o que eu achava de tão estranho nele. Fiquei olhando para seu rosto, dobrei a manga da camisa dele e falei: “seu cabelo é muito grande, cobre o seu rosto”. Ele tinha um rosto lindo. Peguei uma liga,

prendi o cabelo dele e disse: “um corte vai lhe ficar muito bem” e ainda brinquei, “um bigode também lhe cai bem”.

Me atrevi, então, a perguntar o que havia feito para andar sempre tão apressado e assustado. Pensei que fosse tentar se esquivar, contudo começou a me contar sua trajetória de vida e luta até aquele momento. Falou sobre seus estudos em Mossoró e sua ida para Fortaleza. Contou com carinho a vida que começou na cidade ao lado de seu “mano Gil”, como se deu o início de seu engajamento no movimento estudantil, como e porque havia ingressado no PCdoB. Falou das suas prisões no Ceará, da sua ida a São Paulo, sua estadia na casa do “mano Gilberto”, da convivência com sua cunhada Lêda e com a sobrinha de colo, chamada carinhosamente de Paulinha, e do desprendimento na hora de ir para o sul do Pará.

Narrou com detalhes, como chegou à região e o início daquela nova vida que passara a ter no Araguaia. Falou sobre a beleza do rio Araguaia, e sobre tudo o que pensou no caminho à nova vida, quando ficava a imaginar como eram os novos companheiros com quem iria passar a ter uma convivência diária e o que encontraria.

Discorreu sobre as lições que ouvira do João Amazonas e do Osvaldão, que já estava no Araguaia há bastante tempo. Da vontade de ajudar a população e do desejo de estudar cada vez mais, aprofundar os conhecimentos dos livros com a prática. Lembrou do abatimento que lhe acometia após os acessos de malária, do convívio com a população, de todas as lições que aprendeu com os moradores, do plantio à pesca, e das profecias que ouvira do povo da região.

Ponderou sobre a chegada do exército à região; sua experiência sozinho na mata, após perder-se dos seus companheiros em mais um acesso da malária; o esforço para vencer as dificuldades durante os meses em que ficou sozinho na mata, e a busca em conseguir retornar a seu grupo. Inconformado com a armadilha montada para ele, contava como havia caído nas mãos do exército. Fragilizado, andando já praticamente descalço, e fisicamente muito debilitado, havia conseguido chegar à região que ele conhecia. Lá, aceitara a ajuda de um morador, Alfredo Fogoió, para tratar de sua malária. Recebera uma injeção e um prato de papa e adormecera. Acordou rendido e fora entregue ao exército.

Relatou, então, tudo que sofreu nas mãos do exército e confessou que chegou a acreditar que não sairia com vida da sua terceira prisão. Já era noite e eu ainda ouvia Glênio contar tudo com tantos detalhes e com tanta vontade, mesmo que acreditasse que ainda pudesse estar sendo vigiado (e morreria sem saber que a perseguição a ele durara até o ano de sua morte). Ao terminar o relato, compreendi seus gestos e seu olhar.

De tudo que escutei, o que mais me impressionou foi a sabedoria com que superou todas as peripécias do Araguaia. Na vivência de todo aquele sofrimento, aprendeu tudo o que de fato teve valor na sua existência.

Esta era a primeira pessoa a quem confidenciava toda a história que vivenciou no Araguaia.

A partir deste dia, iniciamos um relacionamento de amor profícuo e sincero, capaz de despertar sentimentos muito vivos ainda em mim. A lembrança inapagável da sua presença física, que transmitia tanto amor, confiança, certeza, força, lealdade, dignidade, simplicidade, justiça, ânimo, pureza, certamente garantirá a nós a certeza que possuía de um porvir melhor.

Em sua infinita sabedoria, escreveu-me um bilhete, como sempre fizera, afirmando ser eterno o nosso amor. Pois, de onde estiver, tenha a certeza de que ele se eternizou em nossas vidas, mentes e corações, sendo capaz de me dá a serenidade de aceitar o que não podemos modificar.

Você continua vivo em meu coração, em minha vida e em tudo o que construiu na terra, dando-me a força para permanecer com carinho cuidando de todos os seus interesses, como sempre fizemos durante as suas viagens.

“Mil beijos e abraços carinhosos” de sua mulher e amiga de sempre.

Impossível terminar sem a saudação tão entranhadamente latino-americana: **Companheiro Glênio Sá, Presente! Agora, e Sempre!**

Fátima Sá

Viúva de Glênio

FATINHA

SEMPRE LHE AMEI
E TENHO CERTEZA QUE
ESSE AMOR SERÁ ETERNO.
BEIJOS, ABRACOS...

Glênio

BRAVO LUTADOR, PARTIU DEIXANDO O EXEMPLO DE VIDA!

O 26 de julho de 1990 marcou a história do Rio Grande do Norte como o fatídico dia de perda sem precedentes para a política, em especial para a esquerda em nosso país.

A perda de Glênio Sá, principal líder do PC do B no Estado, ainda hoje ecoa reflexões sobre a forma misteriosa do acidente que vitimou uma vida dedicada à luta por um mundo livre e progressista.

O certo é que não existe uma receita precisa para se construir memórias. Mas a precisão em senti-las nos faz ter uma ideia da lacuna deixada por este que era chamado pelos camaradas de “bravo lutador”.

Não é a toa que sentimos ainda hoje esta perda lastimável no quadro político. Ele dedicou boa parte de sua vida a luta por uma sociedade mais justa e igualitária, muitas vezes abrindo mão de momentos especiais com sua família para lutar por uma causa que abrangia a todos.

Esta dor da perda de um grande pai, eu, que sou filho de Glênio Sá, compartilho com minha família. Mas a esperança do exemplo de vida, que é o principal significado desse combatente, compartilho com todos os potiguares, brasileiros e idealistas do mundo.

Guardaremos sempre a imagem do camarada Glênio Sá como a de verdadeiro herói do povo brasileiro, que dedicou o melhor de sua vida a ajudar o próximo, contribuindo com sua humildade e inteligência para escrever um novo capítulo na história.

“O Companheiro Glênio Sá se faz presente; agora, e sempre!”

Gilson Sá

Jornalista

Filho do guerrilheiro do Araguaia Glênio Sá

CARTA ESCRITA POR GILSON NO ANO DE 1990

Painho mil Beijos
Eu fiquei muito triste no dia dos pais, não pude lhe abraçar beijar de verdade você, quando penso, que nunca mais vou te ver é muito triste.

No dia dos pais eu fui com mainha e jainha ver sua nova morada, eu achei tudo muito estranho lá é tudo calmo e agente não vê as pessoas que vai visitar, isso não é estranho? Eu quero pensar que lá no céu onde você mora é melhor, só que se Deus tivesse lhe perguntado onde você queria morar você ia escolher a terra, onde você estava com a gente e sendo sempre o candidato do povo e do PC do B como sempre foi, se você pudesse me responder esta carta eu queria que você

mi dissece se ai também tem
campanha, e quem anda pedindo
votos para você como a gente
fazia.

sabe painho você é meu can-
didato eleito pelo nossos corações
e pelo nosso PC do B fique
bem e durma com ajeitos.
beijos Gilson

PAI

Há 24 anos, minha saudade tem rosto, nome e uma vontade que não passa. Ao contrário, incomoda, silencia e, quando já não cabe mais no coração, escorre pelos olhos, em forma de lágrimas, num pranto sem consolo, sem solução.

Uma saudade de tudo. Da presença, do sorriso, das brincadeiras, dos estudos, das conversas, até das ausências que se fizeram necessárias durante a sua incansável busca por um novo modelo de sociedade, mais justa e igualitária.

Mas, de todas as saudades, a que mais dói é a das coisas que juntos não pudemos vivenciar. As festas de escola, aniversário, viradas de ano, confraternizações em família, comemorações pelo dia das mães, dos pais... Das conversas que não travamos, dos beijos que não trocamos, dos abraços que não compartilhamos, das alegrias que não comemoramos, das tristezas que não choramos.

Neste instante, a saudade me leva ao silêncio e nele consigo lhe encontrar uma vez mais e dividir meus sonhos e medos, minhas alegrias e angústias, minhas conquistas e dificuldades. Muitas vezes pensei em recuar ou partir, no entanto, sua presença em meu coração fez da derrota uma vitória, da fraqueza uma força.

Hoje, tenho a convicção de que ter saudades é não ter medo de olhar para trás, é ter coragem de aprender com tudo o que viveu. Mas peço que, quando a dor me fizer novamente calar, nos abracemos como inúmeras vezes fizemos, em silêncio. Sentirei você ao meu lado, sorrindo e feliz. A lágrima que teimar em cair será a expressão da minha gratidão e da saudade de seus carinhos.

Beijo e obrigado, pai, por continuar a ser para mim, mainha e Gilson o que nos prometeu ser sempre: amigo, confidente e companheiro das horas que se fazem mais necessárias. Tenho certeza que você estará presente, hoje e sempre, em nossas vidas!

***Da sua filha,
Jana Sá***

CARTA ESCRITA POR JANA NO ANO DE 1990

Como muito você Painho.

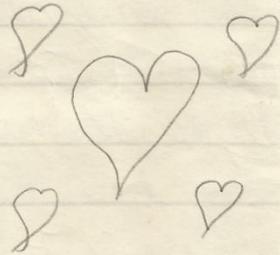
meu queridinho

Painho beijos infinito

Eu estou com muita saudade de você, mais para não ficar triste eu acho que você está viajando de avião lá na rede, só é ruim porque você não vem nunca, assim é muito ruim, você faz como Painho? você pensa que agente tá na escola é? e que mainha foi buscar agente é? você dorme toda

hora lá no céu? roncha com agente? ou você vê tudo que agente faz? como é isso meu queridinho? Se tiver papel e lápis escreva para mim Gibrinho e mainha amarela na cartolina e joga para mim, agente tá aqui na casa de vovó, não jogue

na vila viu 7 muitos beijos no
seu bigode lindinho. *paninha*



DEPOIMENTO DE IVANEIDE SÁ

Escrevo aqui um pouco do que vivi ao lado do meu querido irmão Glênio, para homenagear este homem que teve uma bela história, fez muito por seu povo e deixou grandes lições para todos nós. Tenho orgulho de ser sua irmã e mais do que isso, tenho a convicção de que foi um privilégio conviver com uma pessoa tão lutadora, bonita, apaixonada pela vida, por seus pais, filhos, esposa, irmãos e por seu povo!

Glênio era uma pessoa excepcionalmente carinhosa e de grande bondade desde criança. Destacava-se pela afabilidade e pelo amor pela democracia. Sempre lutou para eliminar as desigualdades sociais e econômicas e para acabar com a marginalização cultural do nosso povo. Ele se jogava por inteiro no que acreditava e defendia a todo custo sua ideologia. Era uma voz que sempre se manifestava a favor da liberdade!

Aos 26 de julho de 1990, ao nos depararmos com tamanha tragédia, uma tristeza profunda insistiu em se abater sobre nossa família. Lembro-me dos meus irmãos me pedindo calma diante daquele imenso e repentino vazio deixado pela sua partida prematura. A única certeza que tínhamos era de que não podíamos desperdiçar forças naquele desespero; muito pelo contrário, tínhamos que aproveitar a energia deixada por ele e dividir entre nós os frutos das suas experiências pela vida, em prol dos seus ideais, eternizando-os. Tínhamos que valorizar ao máximo sua luta, seu alto grau de percepção dos problemas da sociedade e seu grande desejo por resolvê-los. Desejo esse tantas vezes incompreendido por aqueles que ele tanto defendia.

Glênio foi perseguido, preso, torturado, mas jamais ouvi dele uma palavra de revolta pessoal, de arrependimento, de desistência. Era um ser sempre determinado e otimista com relação ao futuro. Era um homem preparado, educado, atencioso, desprendido de interesse material, mas rico em idealismo, em sentimento de bondade e em disposição para fazer o bem.

Poderia continuar escrevendo aqui uma infinidade de linhas, salientando minha admiração por toda sua história de vida, por sua generosidade desde os primeiros anos de vida, por seu despreendimento ao querer ajudar ao próximo sem exigir nada em troca, por seu otimismo, serenidade e força diante dos desafios impostos ao longo de toda sua vida pública e particular, por toda sua dedicação e empenho em lutar para ver o nosso país mais justo. Mas acho que, de qualquer forma, não conseguiria demonstrar tudo aquilo que ele representa para mim e que eu tento passar para meus filhos e netos. Sua presença na minha vida trazem lembranças felizes que estarão guardadas comigo para sempre!

Glênio, a saudade permanecerá em meu coração, como também a certeza de que nunca o esquecerei e de que continuarei te amando e te valorizando cada vez mais!!!

Sua querida irmã,

Ivaneide de Sá Fernandes

MANO GLÊNIO

Tenho grande orgulho de falar que sou irmã de Glênio Sá, uma vez que ele foi, de fato, um filho, um irmão e um esposo extraordinário.

Quando nasceu minha primeira filha Diana, pensei logo em Glênio para ser padrinho da mesma. Sabia que ele iria substituir muito bem o pai dela, caso ele viesse a falecer.

Sabe, todos aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo sabem que é pouco o que afirmo aqui a respeito de um ser humano tão lindo, maravilhoso e justo que conheci.

Até hoje, eu jamais consegui compreender todo o sofrimento que ele passou para ajudar esse mundo cruel.

Acredito que a única felicidade que Glênio teve nesta vida foi ter conhecido Fátima e com essa união tiveram dois lindos filhos Jana e Gilson.

Que Deus Pai o tenha em sua glória para o conforto dos que o admiraram e o seguiram em suas experiências.

Sua mana que jamais lhe esquecerá.

Ivanete de Sá Saldanha

Irmã de Glênio Sá

Natal 30-07-2014

DEPOIMENTO DO IRMÃO EPITÁCIO SÁ

Sua aparente fragilidade era sua fortaleza, afirmo como irmão e como cidadão brasileiro. Enfrentou o regime opressor até sua derrubada, e deu continuidade à luta com o trabalho de recompor as organizações democráticas massacradas pela ditadura.

Em resumo, pois sua trajetória de luta já consta em livros, jornais e outros meios de comunicação, diria que Glênio Sá participou ativamente do movimento de resistência àqueles que sempre impediram o progresso do Brasil.

Epitácio Martins de Sá

Irmão de Glênio

DEPOIMENTO DO IRMÃO GIL FERNANDES DE SÁ

Saudade do querido mano guerrilheiro Glênio, exemplo de coragem, fortaleza e transparência nas suas atitudes políticas durante toda vida de militância no PCdoB.

Mesmo sendo o caçula de uma família dos cinco irmãos (todos militantes de esquerda e ativistas políticos), tornou-se cedo o espelho do combatente determinado, sem perder nunca sua leveza e amabilidade no trato com todos que o cercavam.

Em 1968, foi morar comigo em um apartamento situado na rua Clarindo Queiroz, em Fortaleza, Ceará. O 115, como chamávamos, era um pequeno apartamento, mas um verdadeiro lugar de discussões e debates sobre as diferentes formas de arte (cinema, teatro, música e literatura) e das diferentes correntes políticas que enfrentavam a Ditadura Militar de 1964.

Com o AI-5 no final de 1968, que radicalizou a situação de repressão, as duas prisões do Glênio em 1969 e o documento intitulado *Guerra Popular: o caminho da luta armada no Brasil*, ajudaram o mano na opção pela luta armada, objeto do seu livro *Araguaia: relato de um guerrilheiro*.

Morreu lutando pelos ideais que o seguiram por toda a sua existência: contra a injustiça social e pela igualdade de oportunidade para todos.

Sua vida foi sempre alimentada por sonhos libertários.

Gil Fernandes de Sá
Irmão de Glênio

DEPOIMENTO DE LÊDA BARROSO PINHO (2004)

Tenho dele a lembrança de uma pessoa muito doce, calma e calada. Quando penso nele me vem a sua imagem sorrindo. Estudioso, muito sério e responsável pelo que dizia e fazia. Essa doçura dava lugar a uma expressão severa quando falava sobre o caráter injusto do sistema político e econômico do nosso país.

Estive conosco em São Paulo, antes de ir para o Araguaia. Eu não sabia que ele ia para a guerrilha, achei que ia para alguma missão em bairro de fábrica, porque um dia me perguntou onde poderia comparar roupas simples e baratas. O endereço que dei foi o da rua José Paulino, conhecida pela especialidade em roupas de fabricação caseira. De lá, voltou com um pequeno enxoval em que predominava o jeans. Tudo muito popular. Isso foi em julho de 1970.

De tudo o que sei, o que pessoalmente mais me impressionou foi o que me disse em uma primeira conversa que tive com ele, após seu retorno da prisão. Isso foi em Natal. Ele andava muito fechado, muito calado e havia perdido aquele ar doce em sua fisionomia. Estava magro. Mas me atrevi a abordá-lo e perguntei sobre sua experiência no Araguaia. Pensei até que ele fosse se esquivar, contudo me falou bastante de como foi lá e me contou como foi que se perdeu do grupo. Quis saber como foi que superou todo o sofrimento na mata amazônica, sozinho, com fome e doente. Foi quando ele me disse: “Lêda, quando a gente não pode resolver um problema, a gente aprende a conviver com ele”. Nunca esqueci isso, dito assim por uma pessoa que fez uma descoberta de vida na vivência do sofrimento e a internalizou definitivamente como sabedoria. Essa passou a ser, e é hoje, um princípio de vida pra mim.

Lêda Barroso Pinho

Cunhada de Glênio

DEPOIMENTO DOS SOGROS SEBASTIÃO E NEUSA

Glênio foi mais do que um genro, foi um filho e amigo para todos os momentos. Guardamos com carinho lembranças muito boas de nossa convivência. De nossa relação cotidiana, lembramos-nos de alguns episódios peculiares ao nosso convívio.

LEMBRANÇAS DE NEUSA

Moramos vizinhos, mas era como se fosse uma única casa. Eu saía muito com sua esposa, a minha filha Fátima, geralmente demorávamos no comércio e, quando voltávamos para casa, Glênio perguntava: onde estavam as “astucinhas”? Sempre tínhamos alguma novidade realmente e ele, na sua excepcional doçura, só fazia rir.

Lembro-me, com saudade, das vezes em que fomos a Zumbi praia. Em uma delas, numa bela manhã, saímos para passear com as crianças pela beira da praia até uma praia vizinha, chamada de Pititinga. Foi uma maravilha!

Com o triste acontecimento de sua morte, ficamos extremamente abalados. Foi para nós uma grande perda. Pensamos logo em nossa filha, como iria enfrentar com seus filhos ainda tão pequenos, Gilson e Jana, pois Glênio era um ótimo esposo e pai. Não nos conformamos em deixá-los morando distante de nós. Então, ficaram em nossa casa durante os dois anos que se seguiram à morte de Glênio, até encontrarem uma nova residência.

Passamos, assim, a enfrentar juntos a perda de Glênio. Todos os dias, eu e Fátima tínhamos a obrigação de deixar Gilson e Jana no colégio Henrique Castriciano, e assim acompanhei toda a formação educacional deles. Se formaram e, graças a Deus, estão dando conta de suas responsabilidades profissionais, sempre a o lado de sua mãe. Posso dizer que, com muita coragem e sabedoria, minha filha conseguiu ser pai e mãe de seus filhos e é, para mim, uma heroína.

Mas, felizmente, as lembranças boas estão mais vivas e presentes e nos permitem falar em belos momentos. Frequentemente, após o jantar, dávamos uma voltinha na praia. Para Glênio era um prazer fazer isso comigo e as crianças. Minha neta, Mônica Isabel, dizia que já conhecia o caminho de olhos fechados. Era uma beleza. Sentimos saudades daqueles momentos.

Recordo, ainda, de um fato que acontecera antes de conhecer toda história política de Glênio. Tem coisas que se passam sem a gente saber nem entender. Por três vezes chegou um senhor com um grande envelope a procura de Alberto. Respondia sempre que não conhecia. Na terceira vez ele insistiu que a carta era para Alberto e estava com meu endereço. Eu falei sério e respondi: “aqui não existe essa pessoa. O senhor vá procurar em outro lugar”. Nunca mais voltou. Fiquei assustada com a situação, mas como de nada tinha conhecimento, não me preocupei. Depois, Fátima me explicara que Alberto era um codinome usado por Glênio.

HISTÓRIAS DE SEBASTIÃO

A presença de Glênio foi uma constante em nossa vida. Com seu jeito calmo e paciente, logo nos conquistou. Em sua lua de mel, fui eu quem os deixei, junto com seu irmão Eptácio

(sempre presente em sua vida), na praia de Pititinga. Uma semana depois, voltei e passei dois dias com eles. Dessa passagem tenho boas recordações, principalmente dos banhos de mar.

Lembro-me, também, das muitas vezes em que fomos juntos à feira do Alecrim. Do pedido dele para ajudar a escolher carne seca para os amigos dele, membros do Partido, que se hospedavam em sua casa, levar para seus familiares. O Sérgio Miranda sempre levava um corte de carne.

Para nós, Glênio deixou muitas saudades, mas também nossos netos, Gilson e Jana, que são aqueles que nos têm mais atenção e respeito.

Com saudades, seus sogros,

Sebastião e Neusa

GLÊNIO SÁ...

Falar de Glênio - o “galego” como o tratava, é muito gratificante, é bom, é prazeroso... Tenho certeza que muitas pessoas sentiriam a mesma sensação que eu, se tivesse convivido com ele.

Encontramo-nos na Universidade, fomos contemporâneos; a nossa amizade teve início pelos ideais políticos e em pouco tempo, dada à frequência em nossa casa (minha e de Walter), se solidificou.

Glênio se tornou um agregado da família, casando com minha irmã Fátima, com quem teve dois filhos – Gilson e Jana. De caráter irretocável, foi exemplo de coerência, honestidade e solidariedade humana...

Falando por mim, ao seu lado, ouvindo as suas explanações, opiniões, de bravo e aguerrido guerrilheiro, me sentia sempre principiante, nos princípios políticos que defendia. Lembro-me bem das nossas ‘audições’ da Rádio Tirana; ouvíamos ao pé do rádio baixinho e, em seguida, transcrevíamos transformando em documento o conteúdo.

Dele preservo boas lembranças e lições, além de ser-lhe grata pela família maravilhosa que me deixou como laço de sangue.

Graça Medeiros

Cunhada de Glênio

LEMBRANÇAS DE GLÊNIO SÁ

Falar em Glênio Sá, meu cunhado, é para mim uma honra, por pensar no Homem, Marido, Pai, Filho, Cunhado, Irmão e Amigo que ele foi para nós. São muitas as lindas lembranças que guardo até hoje dentro de mim. Há vinte anos na Alemanha, tenho a vontade forte de contar e passar para familiares e amigos que lá moram a História daquele Guerreiro, Cidadão Honesto que Lutava com o Povo e para o Povo.

A sua História Política, ficará marcada para sempre e servirá de exemplo para muitos. O Brasil e a humanidade precisam de Políticos assim como ele foi: cheio de vontade de mudar e mundo para melhor, sem egoísmo e buscando dar ao Povo o que a ele pertence.

Ainda sinto forte a lembrança do dia em que foi mudada a rota daquele grande Homem. Eu ainda era jovem, com apenas 27 anos; e não tinha o envolvimento capaz de entender naquela época tudo o que ele fez e queria ainda fazer. Porém não esqueço, daquele dia de Julho de 1990, quando eu trabalhava na Secretária de Promoção Social de Natal e atendi a um telefonema para então Secretário, Dr. Hermano Paiva, grande Médico, amigo e chefe.

Do outro lado da linha uma voz masculina pedia para passar rápido para Dr. Hermano. E dizia que não podia passar sem saber o motivo. Ele falou que se tratava da informação sobre Glênio Sá e Alírio Guerra, que acabavam de sofrer um acidente e tudo indicava que tinham morrido. Só me lembro de ter pedido para repetir por umas 3 vezes, pois não estar conseguindo entender ou não queria acreditar. Ele repetia e eu falava: “Não pode ser; o senhor pode estar enganado”. E quando ele confirmou novamente os nomes, só recordo que estava sentada na sala do secretário, que me perguntava o que tinha acontecido. Desmaiei. De volta à realidade, ele já havia falado ao telefone e sabia do que ocorrera com o meu cunhado. Acabávamos de perder um grande Familiar, Político e Ser Humano.

Tenho certeza de que onde ele estiver faz sempre contato conosco, em cada lembrança, em cada História contada, acontecimentos, e o Amor tão verdadeiro e Intenso que tinha para com a Esposa e seus Filhos.

Foi grande o impacto de ver Glênio inerte, sem saber explicar porque tudo aquilo estava acontecendo, partindo para o outro lado bruscamente por fatos não explicados até hoje. Só sei dizer que a minha emoção ao ver e ouvir Jana, minha sobrinha trazer uma fralda, tocar no seu Pai ali deitado, e falar: “Mamãe, ele tá tão geladinho, acho que está com frio; vou deixar esse paninho com ele”. Passei mal e fui impedida de continuar ali no local.

Fátima, minha irmã, então esposa de Glênio Sá, foi passar uns tempos na nossa casa. Éramos mamãe, papai, meu filho Márcio Henrique, Fátima e meus 2 sobrinhos - Jana e Gilson. Eu estava grávida de minha filha Jéssica Karoll, e em uma madrugada tive uma visão linda: tenho a certeza de ter visto meu cunhado Glênio Sá balançando Jana na rede. Vi sua figura de costas, com um dos trajes de que gostava. Mudei de cor. Chegando à sala perto do banheiro vi minha mãe, Neusa costurando algo na maquina. Logo falei que acabara de ver Glênio balançando Jana na rede. Minha mãe disse que eu devia ter sonhado, pois era muito recente e ficávamos com a imagem dele muito viva, mas eu tinha certeza absoluta. Porém pela manhã estávamos

minha mãe, eu e Fátima tomando café quando de repente quem acordou foi Jana, à época com 7 anos, que falava sem parar e bem feliz:

--- Mamãe, Mamãe... Sabe quem passou a noite me balançando para eu dormir? Painho!!

Nesse momento minhas pernas gelaram e então mamãe contou para Fátima o que tinha acontecido na noite anterior. Ela apenas baixou a cabeça e chorou. Foram momentos, dias, meses, anos, de muita tristeza.

Para finalizar, deixo com muita emoção um grande abraço para minha Irmã Fátima, meu sobrinho Gilson e minha sobrinha Jana. Aproveitar para reforçar para eles que a luta não pode parar. Nunca esqueçam de que vocês são símbolos de força, amor e garra que Glênio deixou aqui na Terra.

Abraços do meu filho Márcio Henrique, sua esposa, Hannah Katrin, minhas filhas Jéssica Karoll, Natalie e Hanna e meu companheiro Andreas Brugger.

Cunhado querido, você estará sempre conosco.

Mércia Bodenmüller Bezerra

Cunhada

DEPOIMENTO DE DIVINA

Fiquei muito feliz e ao mesmo tempo emocionada por ter participado mesmo que inconsciente de um fato tão importante, para a vida de uma pessoa e de seus familiares. Pessoa esta que deu enormes contribuições para a democracia de nosso país.

Meu pai também ficou muito alegre por ter dado certo para Glênio sair daquele lugar com vida, pois ele relatou que realmente, era um lugar de muito sofrimento.

Divina

Filha de um preso comum que escreveu uma carta à família de Glênio, ajudando-a a localizar o local onde estava preso

GLÊNIO NÃO MORREU: “ENCANTOU-SE”

Entre 1985 e 1990, ano de sua morte, tive a honra e o prazer de conviver com o camarada Glênio Sá, tendo, inclusive, a satisfação em colaborar – datilografando, na velha máquina de escrever, seus depoimentos sobre a experiência do Araguaia -, com a publicação, pela editora Anita Garibaldi, da Revista “*Memórias de um Guerrilheiro*”.

Homem íntegro, altivo, sensível e solidário, Glênio reunia qualidades que em mim despertavam profunda admiração, principalmente pela convicção inabalável - a despeito das adversidades -, de que a luta por uma sociedade justa, igual e fraterna não cessaria enquanto houvesse exploração do homem pelo homem.

E foi assim que viveu até aquele fatídico 26 de julho de 1990 quando, bruscamente arrebatado da vida - juntamente com outro valoroso ser humano, o camarada Alírio Guerra -, partiu Glênio Sá, deixando um legado que jamais será esquecido e que certamente serve de esteio para todos que continuam acreditando e lutando por profundas transformações sociais em benefício da maioria do povo brasileiro.

Penso que, assim como tantos outros valorosos combatentes que de forma abnegada dedicaram suas vidas na busca pela justiça social, que tombaram na luta pelo **belo e pelo bom**, Glênio Sá não deveria morrer nunca.

Mas, sendo a morte inexorável para todos, resta-nos o “consolo” do mestre Guimarães Rosa: “As pessoas não morrem, se encantam”. Glênio encantou-se!

Olga Aguiar

Membro do Comitê Municipal do PCdoB

Natal/julho/2014

GLÊNIO SÁ

E difícil encontrar palavras para definir Glênio Sá. Para mim, retrata o herói anônimo que fez história sem nenhuma pretensão de ser herói mas, destinado a fazer mudanças por um mundo melhor. De todos os camaradas com quem convivi e convivo foi o que mais se destacou pela sua consciência revolucionária. Tendo participado da Guerrilha do Araguaia, enfrentou os porões da ditadura sem vacilar um instante dos seus ideais revolucionários. Amigo muito querido camarada e grande dirigente nosso partido. Sua partida prematura deixou-nos órfãos de um grande dirigente e amigo.

Joana Darc Leite

GLENIO SÁ: CAMINHANTE DE SONHOS

Quando do desencarne de Glênio Fernandes de Sá, em 26 de julho de 1990, em um trágico acidente automobilístico, uma das matérias veiculada nos jornais estaduais definiu Glênio, juntamente com Alírio Guerra, seu companheiro de Partido, que também desencarnou no referido acidente, com a expressão Caminhantes de Sonhos. Sim, Glênio Sá era Caminhante de Sonhos. Daqueles sonhos que cotidianamente se materializam e se redefinem como novos sonhos, a utopia, a construção no presente do futuro desejado, para Glênio o socialismo. Glênio vivia cotidiana e plenamente a máxima de Diógenes de Arruda Câmara de que “ser comunista é uma opção cotidiana” e assim caminhava Glênio, todos os dias em busca da concretização de seus sonhos.

Tive a oportunidade de conhecer Glênio Sá nos anos de 1980 no processo de reconstrução, ainda na clandestinidade, do Partido Comunista do Brasil (PC do B) no Rio Grande do Norte e em Mossoró, em particular. Durante a década de 1980, acolhemos, muitas vezes Glênio Sá em nossa residência, seja para reuniões ou quando se encontrava em trânsito para outras cidades da região oeste potiguar na árdua tarefa de reconstrução partidária e de ocupação do cenário político em momentos eleitorais. Registro, especialmente sua dedicação, com o fim da Ditadura Civil Militar de 1964 e a democratização, das campanhas de filiação para conquistar o registro legal do PC do B. Marcante sua dedicação em mutirões passando de casa em casa nos bairros Teimosos e Lagoa do Mato, no trabalho de convite e convencimento na conquista de filiados naqueles lugares onde o PC do B tinha presença mínima. Nada o esmorecia ou desanimava ou desviava de seu propósito.

Glênio, sempre calmo, distante algumas vezes, pausado, lento, turbilhão de ideias, de coragem e força para construir um mundo novo. Homem de fé, de muita fé. Acreditava no que fazia e se dedicava. Encantava a todos com sua simplicidade e delicadeza no trato com as pessoas. Simpatia reservada/fechada. A todos sempre uma palavra de estímulo. Nas disputas internas, sereno e conciliador. Apaziguador de ânimos, acolhedor e conselheiro.

Grande homem. Sobre si mesmo pouco falava. Para nós, mito e incógnita. Certeza apenas de que podíamos confiar plenamente no que dizia e defendia. Herói do povo potiguar. Ao ouvir e ler depoimentos e conhecer um pouco sua história pessoal e política temos dimensão da grandeza deste ser de luz. Homem de família, sempre tinha tempo para falar da esposa (Fátima) e das crianças (Gilson e Jana). Dava sorrisos e seus olhos se enchiam de alegria e entusiasmos contando as “novidades” dos meninos (Gilson e Jana) de como sabia que fazia falta a Fátima, sua companheira. Tivemos a alegria de encontrar Glênio, em campanha em Mossoró, poucos dias antes de seu desencarne e ele colocava de seus planos de futuro pós-campanha eleitoral, como menino que visualiza no horizonte o amanhã antes de concluir o dia vivido. Fibra, dedicação e luta são sinônimos de seu nome.

Glênio era demasiadamente humano. Síntese de revolucionário, pai, amigo. Novo homem para um novo mundo. Caminhante de sonhos ou seria semeador de sonhos? Exemplo para as gerações futuras. Glênio Sá sempre presente!

Mossoró/RN, 17 de agosto de 2014

Maria Ivonete Soares Coelho (Professora da UERN)

Alírio e Glênio: Um grande legado!

É assim que prefiro lembrar a memória e a trajetória de lutas de duas das mais ilustres personalidades da luta popular e da história de construção do Partido Comunista do Brasil-PCdoB/RN, me refiro aos camaradas Alírio Guerra de Macedo e Glênio Fernandes Sá.

Em terras potiguares

Se tivéssemos de identificá-los pelos traços da geografia logo diríamos, são filhos do Brasil, de uma região importante e resistente, como foram as suas vidas. Glênio Sá, de Caraúbas no Médio Oeste potiguar, Alírio Guerra, de Curimatá no Sudoeste do Piauí, se localizaram na caminhada da vida e da luta pela bússola da política revolucionária do PCdoB, em tempos de autoritarismo e de cerceamento das liberdades democráticas.

Na mesma época enfrentaram de formas diferentes e em lugares distintos o regime dos generais, enfrentaram o combate, mesmo que desigual, mas não fugiram à luta, todo empenho, o melhor de suas energias físicas e intelectuais foram direcionadas para restaurar a democracia solapada e salvaguardar o Partido enquanto instrumento de luta política da emancipação do povo brasileiro e da construção de uma nova sociedade-Socialista.

60 e 70, anos de muitas resistências

Meados dos anos 60, ainda jovens, muitos jovens, presenciaram a inquietação do Partido com os horrores da ditadura militar e dos golpistas que buscavam a todo custo sufocar qualquer manifestação de resistência ao arbítrio promovido pelo regime de excessão.

A resistência era o único caminho, as formas de apresentá-la foram diversas, o cenário da resistência tanto ocorreu no campo como nas cidades. A democracia estava comprometida e à vida em risco permanente.

Guerrilha e Patriotismo

Cumprindo tarefas diferentes, mas com o mesmo objetivo ajudaram com o ímpeto peculiar a juventude a edificar as barreiras da resistência, tanto em solo urbano, com em terras rurais. Conscientemente abdicaram do conforto e da segurança do seio familiar e se lançaram a uma jornada de lutas e riscos permanentes, o ambiente era sombrio e a luta desafiadora, podendo até dizer profundamente desproporcional no que pertine a contingentes e instrumentos utilizados nas batalhadas do cotidiano.

A Guerrilha do Araguaia foi um demonstrativo de despreendimento e de patriotismo dos militantes e dirigentes do PCdoB, que sem outra alternativa ou meios de lutar pela democracia e liberdade se socorreram da luta armada para dar vida a resistência popular e não permitir que a nossa pátria vilipendiada sucumbisse as trevas da ditadura.

No Araguaia Glênio esteve presente e participando diretamente, inclusive compondo um destacamento militar na condição de guerrilheiro. Lutou, foi preso, resistiu as torturas e

sobreviveu as humilhações impostas pelos algozes e torturadores. Foi um dos poucos sobreviventes da luta armada nas selvas do araguaia.

Diferente não foi a luta e a conduta de seu camarada Alírio Guerra, que dentre outras privações advindas da resistência contra a ditadura, também passou a viver na clandestinidade, tendo como consequência o seu banimento do curso de medicina da Universidade.

Como os conhecia, tenho plena certeza da dor que sentiram ao saber da derrota da guerrilha e do assassinato/execução de boa parte de seus camaradas que resistiram com bravura. Dor aumentada com a morte do líder estudantil Honestino Guimarães, da União Nacional dos Estudantes-UNE.

Mesmo na adversidade, continuaram a luta em defesa dos ideais que professavam, acreditando na possibilidade de reencontrar os caminhos que reconduzisse o Brasil ao leito da democracia e do Estado Democrático de Direito.

Regime em decadência

Com o resultado das eleições parlamentares de 1974, a oposição saiu fortalecida, elegendo uma forte bancada, principalmente ao senado federal, mas mesmo assim a ditadura já apresentava sinais de fraqueza, sem no entanto abrir mão do regime que comandava. Permanecia no controle do governo e do poder político, apoiado em forte aparato militar e repressivo.

Foi neste ambiente de decadência da ditadura e ainda de forte repressão, que em dezembro de 1976, Alírio e Glênio tomaram conhecimento da Chacina da Lapa em São Paulo/SP, em que foram vítimas, importantes dirigentes do Comitê Central do Partido, foram violentamente assassinados Pedro Pomar e Ângelo Arroio, que havia sido o Comandante Militar da Guerrilha.

Forjados neste ambiente de luta e resistência, continuaram sua militância, novos tempos se apresentavam, a luta em defesa da anistia era fato concreto, resultado de uma paciente e firme construção, organizada por diversos segmentos sociais da população, mas sustentada politicamente também pela força e convicção do Partido Comunista em suas diversas frentes de luta.

Lágrimas e sorrisos

Desde a instauração da ditadura militar em 1964, o sorriso era escasso e o semblante contraído, as lágrimas que caíram em abundância com a derrota da guerrilha e a chacina da lapa, regaram o campo da luta política que trazia de volta ao Brasil, homens e mulheres covardemente expatriados, em forma de exílio patrocinado pela ditadura.

O retorno de inúmeros patriotas, como João Amazonas, Miguel Arraes, Leonel Brizola e a legendária figura de Luiz Carlos Prestes, com eles chegava também a esperança da conquista da liberdade e da democracia. Como em outros milhares de brasileiros, o sorriso estava também estampado nos rostos de Glênio e Alírio, enfim, a esperança começava a vencer o medo.

Homens do século passado, de idéias contemporâneas

Final dos anos 70 e início dos anos 80, as suas vidas e militâncias se concentraram em terras potiguares, dedicando-se integralmente a reestruturação política e organizativa do Partido Comunista do Brasil, no Rio Grande do Norte.

Com suas contribuições em momentos diversos, foram partícipes do acúmulo de forças que pôs fim a ditadura, foram firmes no movimento das Diretas-Já, e contribuíram na mobilização da vitória de Tancredo e Sarney no colégio eleitoral. Estava definitivamente derrotada a ditadura militar.

Instaurava-se um novo momento, o da legalidade do Partido, que havia tido o registro cancelado e os mandatos parlamentares cassados há quase 40 anos, de 1947 a 1985. Agora o desafio era de outra natureza, estruturar o PCdoB e dotá-lo de condições políticas para as novas batalhas, inclusive as eleitorais, terreno novo e ao mesmo tempo desconhecido para a militância comunista.

Uma década vitoriosa

A década de 80 foi muito importante, marca o fim da ditadura em 1985 e o início do processo democrático, em quase 4 anos tivemos três disputas eleitorais, 1986, 1988 e 1989, sendo esta última a primeira eleição direta para presidente da república.

Glênio e Alírio conduziram o Partido nesta nova realidade, sendo os principais dirigentes políticos em nosso Estado. Glênio foi candidato a Dep. Estadual em 1986 e Alírio candidatou-se a vereador em Natal nas eleições de 1988. Nestas disputas eleitorais o Partido foi acumulando experiências e aumentando a sua influência.

Novas disputas

O primeiro semestre de 1990, foi marcadamente de muita efervescência na conjuntura política nacional, estávamos nos primeiros meses do governo do presidente Collor de Mello, muitas movimentações tendo em vista a disputa eleitoral que se avizinhava para Governo, Senado, Câmara e Assembléia Legislativa.

A marca da nova aliança eleitoral era politicamante de esquerda, composta pelo PCdoB e PT, tendo como candidato a governador Salomão Gurgel/PT e ao senado Glênio Sá/PCdoB. Nesta eleição Alírio Guerra concorria a uma vaga na Assembléia Legislativa.

Na noite de 25 de julho, em pleno período da festa de Santana em Caicó, realizou-se um ato político na Câmara de vereadores com a presença da chapa majoritária, de militantes, candidatos e apoiadores da coligação da Frente Popular.

Após o ato ocorreu um jantar de confraternização dos candidatos com os participantes do evento no bairro Barra Nova. Coube a mim levar Glênio até o terminal rodoviário, pois teria que viajar logo em seguida, conversamos sobre alguns assuntos da campanha, também recebi algumas orientações partidárias para o processo eleitoral em curso. No dia seguinte estava previsto uma atividade de campanha em Currais Novos/RN, e logo seguiriam para Natal.

Mês de festa, dias de tristeza

Já no final da tarde de 26 de julho, duvidei em acreditar na notícia que acabara de receber, dizendo que um acidente automobilístico havia vitimado alguns membros da coligação que estavam em campanha no município serrano de Jaçanã, na região do Traíri.

A confirmação dava conta da morte de Alírio Guerra e Glênio Sá, naquele momento era como que o mundo estivesse se afundando, era assim inexplicável, não tinha como acreditar, mas era a pura realidade. Uma dor incontida, nunca em época alguma havia sentido tamanha e pesarosa sensação. Ali estava até então, as minhas maiores referências partidárias e de convivência muito aproximada.

20 anos de afirmação e crescimento

Ao completar 20 anos da morte de Alírio e Glênio, não é forçoso reconhecer que apesar da grande perda dos dois principais dirigentes do Partido no RN, conseguimos, mesmo com dificuldades estruturar do ponto de vista político e organizativo o PCdoB em todas as regiões do estado e em mais de dois terços dos municípios potiguares.

De modo que o legado de Alírio e Glênio permanecem vivos e se desenvolvem nos dias atuais, com outros métodos e novas formas, aplicando o conteúdo político dos tempos atuais, sem no entanto, se afastar dos princípios e dos compromissos históricos e ideológicos de outrora.

Homens de pensamento e ação modernizante

Não tenho dúvidas de que nos dias atuais estavam comprometidos e abraçados com o ideário da construção de Um Novo Projeto Nacional de Desenvolvimento para o Brasil. Mobilizados em torno do nosso projeto político e eleitoral, buscando afirmar ainda mais a identidade e fisionomia do Partido Comunista do Brasil, em âmbito nacional, e em particular em nosso estado.

Creio que estariam firmes, pacientes e com a experiência construída no cotidiano das lutas, sabendo enfrentar os desafios e a nova realidade que a luta institucional e as disputas eleitorais trouxeram para a vida partidária.

Um sonho que vai se realizando

A realidade de hoje, é fruto de um longo período de construção, de enfrentamento de concepções e práticas que se manifestam no seio do Partido, principalmente neste momento de ampliação e alargamento de suas fileiras e de sua crescente influência na sociedade.

Somente um Partido ousado, corajoso em suas decisões políticas é capaz de se tornar vencedor, sem abdicar de seus compromissos históricos. Apoiamos a eleição da candidata de Lula, a ex-ministra Dilma Rousseff/PT, que em sua plataforma expressa profundos compromissos com o Brasil e o povo brasileiro.

No Rio Grande do Norte, a nossa opção foi pela composição com o PDT, tendo Carlos Eduardo Alves, ex-prefeito de Natal como candidato a governador e Sávio Racrat disputando uma vaga ao senado pela legenda Comunista 65.

Maturidade e crescimento

O Partido de Alírio e Glênio, em disputas eleitorais pela primeira vez apresenta uma nominata robusta, são 09 candidatos a deputado estadual, 04 a deputado federal, 01 ao senado e 01 suplente. São ao todo 15 camaradas disputando a eleição pelo Partido com a legenda 65. É um fato inovador para os comunistas do Rio Grande do Norte.

Portanto, o sonho e as ações realizadas por Glênio e Alírio precisam ser continuadas, considero que a melhor forma de lembrá-los e homenageá-los é tornar os seus ideais ainda e cada vez mais vivos nos dias de hoje, tornando o PCdoB, mais forte, mais unido, coeso em torno dos seus objetivos imediatos e futuros e fundamentalmente identificados com os trabalhadores, o povo brasileiro e com os ideais de uma pátria livre, próspera, soberana e Socialista.

Um forte e caloroso abraço aos familiares dos estimados camaradas e todos que honram sua trajetória cotidianamente.

Canindé de França

Advogado, professor, dirigente estadual do PCdoB/RN e amigo

“OS NOSSOS ATOS INDEPENDENTE DOS ATOS DOS OUTROS” (GLÊNIO SÁ)

Essa é a lembrança mais forte que eu tenho do camarada Glênio Sá. Neste momento em que estamos escrevendo nossa história, ficam ainda mais nítidas suas palavras de ensinamento.

Era década de 80 e eu estava dando meus primeiros passos no Partido Comunista do Brasil – PC do B. A frase naquele momento pareceu-me uma bronca, mas até hoje ela ressoa em meus ouvidos, principalmente quando estou diante de pessoas que tentam justificar seus erros usando os erros dos outros a sabedoria vem à memória.

Glênio Sá, presente hoje e sempre.

Ormindá Bezerra

DEPOIMENTO DE GERVÁSIO DE PAULA (2004)

Convivi bastante com Glênio, mas, logicamente, ele nunca me falava em iniciativa do Araguaia. Vim saber disso através do Tarcísio Leitão que me dizia ter ouvido numa rádio estrangeira que ele sempre procurava captar. Talvez fosse a rádio de Moscou ou a rádio de Cuba. Mas, acredito mesmo que a informação que ele recebia era do Bené, então cardeal do PCdoB, que tinha um escritório com ele, de advocacia, no mesmo tugúrio, na rua Assunção, onde todo o dia eu passava por lá.

Da época do 115, apartamento onde nossa turma dormia, só me lembro que era um jovem sempre comunicativo, disposto a nunca se aborrecer com nada, constantemente risonho. No entanto, atentamente preparado a responder ironia com ironia a quem pensava gozá-lo, sem jamais perder a ternura.

Gervásio de Paula

Jornalista cearense

A SAGA DE GLÊNIO SÁ

Dou um mergulho de 36 anos e vejo-me em 1968, num grupo de jovens, todos com 17, 18 ou 19 anos: Glênio, Dower Moraes Cavalcante (este último também sobrevivente do Araguaia e falecido no início dos anos 90), Washington Luiz (hoje deputado federal pelo PT do Maranhão), Vera Ilca Meireles (hoje economista), Luis Pedro de Oliveira (hoje deputado estadual pelo PDT do Maranhão), entre outros.

Glênio era potiguar de Caraúbas e veio estudar em Fortaleza, matriculando-se no colégio Joaquim Nogueira. À primeira vista, dava a impressão de ser sectário, mas, num contato mais aproximado, deixava transparecer o seu lado humano, leal e brincalhão. Eu e ele estivemos presos – por participação no movimento estudantil – no então quartel – general – da Polícia Militar (hoje Batalhão de Choque da PM), na Praça José Bonifácio. A primeira prisão de Glênio durou pouco tempo mas, em breve, ele entraria em uma aventura muito mais perigosa.

Do movimento estudantil, Glênio foi direto para o Araguaia, onde enfrentou toda a ferocidade da repressão. Seu relato merece ser lido por todos os que desejam conhecer aquele episódio ainda obscuro da história brasileira. Glênio deu o melhor de si pela causa em que acreditava e pela construção de uma sociedade mais justa.

Paulo Verlaine

Jornalista

Trecho de sua coluna quinzenal no jornal O POVO, de Fortaleza/CE

BRAVOS LUTADORES

Homens singelos,
Bravos lutadores,
Para quem a inevitabilidade do socialismo
Não significava cruzar os braços,
Congelar a teoria.

Abraçavam simples e complexas tarefas
Com a mesma convicção revolucionária.
Porém, não se tratavam de super-heróis,
Eram homens simples
Que se debatiam cotidianamente
Com problemas próprios de suas limitações de homens,

No fogo da luta armavam-se de Partido e povo
E açoitando limites,
Plantavam futuro,
Desfraldavam esperanças.

Vital Nogueira

Amigo e membro do PCdoB/RN

QUANDO PERDEMOS GLÊNIO SÁ E ALÍRIO GUERRA

Há 24 anos, vivi um dos piores dias da minha vida.

Estava chegando à sede do PCdoB, na rua Prof. Zuza, 99, na Cidade Alta, quando, como um raio, chegou também a notícia do acidente com o carro em que viajavam Glênio, Alírio e Antenor Roberto candidatos a senador, deputado estadual e deputado federal, respectivamente, além de Valdo Teodósio, rumo a uma atividade da campanha política, em Jaçanã, pela Frente Popular Potiguar que tinha Salomão Gurgel, como candidato a Governador e Jacira Gondin, como Vice, em 1990.

Num tempo em que não havia celular, o telefone 222-6323 que a duras penas havíamos conseguido colocar "no ar" naquela manhã, graças a uma inusitada contribuição de um camarada que estava morando fora de Natal e passara na sede para deixar uma força para a campanha, a partir de então, tocava sem parar.

Em menos de dez minutos, a sede do Partido estava lotada. Pessoas de todos os partidos, cores, credos. Os vizinhos, mesmo sem nenhuma ligação política com o PC do B, se revezaram em solidariedade, alguns nos concedendo o uso dos seus telefones residenciais.

Duas noites antes do acidente, havia participado de uma reunião com Alírio, Glênio, Christian Vasconcelos e Antenor. E nesta reunião por um problema besta quebrei, "sozinho", claro, o maior pau com Alírio.

Glênio e Alírio foram duas das maiores criaturas humanas que conheci. Inteligentes, firmes, ternos, responsáveis e criativos. Jamais ouvi de quem quer que seja, qualquer coisa que os desabonassem.

Com a conquista da liberdade, após os anos de prisão política em função da participação na Guerrilha do Araguaia, Glênio foi trabalhar numa empresa de informática, localizada na estrada de Ponta Negra, de onde foi demitido quando descobriram que "seu sangue era vermelho" e que o brilho que tinha nos olhos além do amor devotado a Fátima, Gilson, Jana e demais familiares tinha a chama inquebrantável do sonho pela construção de um mundo igualitário.

Ao final dos anos 70, Glênio criou, ao tempo em que Paulo Fontelles criava a Sociedade Paraense dos Direitos Humanos, a Sociedade Potiguar de Defesa dos Direitos Humanos com os jornalistas Walter Medeiros (a quem chamávamos de Boçal), Sávio Hacradt, além dos Advogados Boanerges e Moraes, dentre outros. Com Lailson Almeida e outros organizaram um movimento pela regularização fundiária dos ribeirinhos de Igapó. Boçal destaca, nesse período, a participação do amigo Luis Tinôco, morador de Igapó.

Alírio, que interrompeu o curso de medicina na UFPE alcançado pelo Decreto 477, fez parte da gestão da União Nacional dos Estudantes –UNE, que tinha Honestino Guimarães na presidência. Voltou a estudar, já na UFRN, mas não concluiu o curso, dragado pelos compromissos sindicais e partidários. Ainda em plena Ditadura, tornou-se técnico na

Datanorte, empresa de economia mista do Estado, pela qual doava não apenas a sua mão de obra, mas o compromisso com os servidores públicos.

Contou-me, rindo, que certo feita para conseguir imprimir a folha de pagamento dos funcionários do Estado, em determinado Sábado num dado mês, em que o computador “pai” quebrara, fora se valer do equipamento da indústria de confecções Guararapes, e ao entrar na Indústria, estava acompanhado por uma pessoa de lá. No entanto, precisou retornar a Datanorte, para pegar uns discos de arquivos, cujas dimensões e peso eram, bem diferentes dos “pen-drives” atuais. E ao voltar a Indústria, o vigia havia ido almoçar e ele batia palmas e gritava na portaria, em vão.

Como ninguém respondia, ele preocupado com pagamento dos servidores estaduais, que começaria na segunda-feira, resolveu passar os discos por entre as grades do portão de acesso e, se apoiando num poste, tentou pular o portão (*um ato até “normal” para um sábado à tarde, numa Natal ainda tranquila que tínhamos*) passou uma perna sobre a grade e ao tentar concluir o acesso furtivo à Guararapes ouviu o grito: Desça. E uma arma de fogo apontada para ele.

Numa situação tragicômica, trepado na grade com uma perna dentro e outra fora, argumentava, em vão, que acabara de sair do centro de informática da Indústria, dizia que naqueles discos estava o pagamento dos servidores do Estado e que se ele não entrasse não daria tempo de aviá-lo.

O guarda se mantinha irredutível em mandá-lo descer e ele, enganchado na grade, não encontrava apoio para sair. O apelo de que se tratava da garantia do pagamento dos servidores, tampouco o argumento de que era uma coisa muito importante e de interesse do Governador, não sensibilizava o vigilante, o qual parecendo um disco arranhado, repetia: desça. Felizmente, foi salvo por um coordenador da Indústria que ao sair, deparou-se com a inusitada cena, no portão.

Após sua morte, a deputada estadual Ana Maria Cavalcanti escreveu um comovente texto, enaltecendo o funcionário que se empenhava com afinco na sua função durante o dia na Datanorte, e na em outros momento participava de atos contra as ações do governo Geraldo Melo, das quais não concordava.

Também conheci grandes pessoas e outras boas histórias através de Glênio, o qual me apresentou, por exemplo, Cipriano Maia de Vasconcelos e os dois comentavam sobre uma cachaça que haviam tomado para os lados do Diretório Acadêmico de Saúde, da UFRN. E eu provocava-os, na tentativa de saber os detalhes do tal porre, mas os dois permaneciam na retranca.

A frente do Centro Acadêmico Amaro Cavalcanti, realizamos um debate (cujo tema ainda é atual) sobre o julgamento dos crimes de natureza política, eu e Magnus Farkatt, idealizadores do evento, tínhamos ter passado da conta ao levarmos para o referido debate um ex-guerrilheiro e um ex-diretor da UNE, visto que um ano antes, o nosso amigo Evandro Borges ao ingressar na sala de aula, na companhia de Augusto, estudante de direito da UFPE, para

avisar sobre algumas mobilizações que ocorreriam naquela semana, apresentou Augusto como diretor da UNE e foi expulso da sala pelo Professor Delgado.

No debate, todavia, ao qual compareceram surpreendentemente alguns professores, houve uma acalorada discussão entre Magnus Farkatt e Paulo Lopo sobre legítima defesa e estado de necessidade.

Após relatar as sevícias que haviam sofrido na ditadura, coube ao Prof. Carlos Gomes dar um depoimento emocionado sobre a admiração que tinha pela serenidade com que Glênio e Alírio, sem demonstrar qualquer rancor pessoal, tratavam dos assuntos civicamente, equilibrados e de forma radicalmente política.

No acidente “pras bandas” de Jaçanã, Antenor, gravemente ferido, foi salvo pelo que entendi por um médico cunhado de Glênio, Enói Saldanha, que saíra ao encontro do Galego, em Jaçanã, e abordou a ambulância na estrada e lhe ministrou os primeiros socorros. Salvo o engano, George Câmara e Mineiro foram ao município de Jaçanã, no carro emprestado pela professora Anadja. Valdo, com algumas fraturas, superou bem o acidente e ainda atuaria naquela campanha.

Moleque e menino que era me vi dirigente, tendo que compreender um dirigente que me confiava seu medo de defunto e por isso não iria ao velório e enterro dos dois. Ainda “virei” psicólogo na acolhida de um companheiro que tinha medo da noite.

Atordoados, sem dinheiro e apreensivos com o estado de Antenor, éramos levados pela solidariedade das pessoas a prosseguir na luta, na campanha, na vida, órfãos dos extraordinários dirigentes que tínhamos perdido. O PCdoB não cabia mais num fusca, pois único fusca que tínhamos para a campanha era o mesmo do fatídico acidente.

Mas da noite pro dia com doações inusitadas, como a de Cristovão que nos doou equipamentos de som e ainda arranjou seu amigo Délio que trabalhava numa produtora, a Peron Vídeos, para montar um carro de som. Antenor conseguiu dinheiro e compramos uma Kombi velha. Ao contar para um vendedor a história das candidaturas, o vendedor na velha Ribeira nos disse que ficara abalado com a notícia do brutal acidente, a qual soubera pela boca de um comunista antigo chamado Poti Cavalcanti. E, portanto, se prontificou a conceder um inacreditável desconto e facilidade de pagamento ao nos vender um gerador à diesel.

Na fatídica data, entramos a madrugada no Instituto Médico Legal-ITEP na companhia de Christian, Augusto Azevedo, Suetônia, Lenira, Aluízio, Procópio e outros militantes amigos. O enterro, no dia seguinte, foi um ato que mobilizou historicamente Natal. Eu não consegui chorar naquele dia e noite, mas a cada aniversário de morte de Alírio e Glênio uma forte melancolia, uma saudade imensa e um desejo de ouvir suas avaliações, especialmente sobre a conjuntura que estamos vivendo, se faz em mim.

Alírio, antes da última viagem passou lá em casa cedinho, como se soubesse que não haveria outra oportunidade para fazer aquilo. Encontrou Maristela na calçada perguntou por mim e disse que tinha “arengado” comigo e estava ali para aparar as arestas.

Entrou, olhou pra mim, caiu na risada e me deu um abraço.

Imagina se ele morre sem que tivéssemos tido esse encontro?

Manoela, João Pedro, Júlio, filhos de Alírio, Gilson e Jana, filhos de Glênio perderam os pais carinhosos e loucos por eles. Eveline Guerra e Fátima Sá os amados companheiros. Nós, do PCdoB, nossos camaradas diletos. Eu, particularmente, a companhia de dois dos seres mais completos que conheci, até então. No enterro, uma, dentre as tantas homenagens expressas, uma faixa muito bonita, toda vermelha que dizia; ATÉ SOCIALISMO SEMPRE! é algo inesquecível para mim, e salvo o engano, foi idealizada por Geraldão.

E, o que mais eu poderia dizer para eles? Até Socialismo sempre! Glênio e Alírio.

Marcos Dionísio Medeiros Caldas

Presidente do Conselho Estadual de Direitos Humanos e Cidadania/RN

MANIFESTAÇÕES DE SOLIDARIEDADE

Ao saberem da morte dos dois destacados dirigentes do PCdoB do Rio Grande do Norte, Glênio e Alírio, centenas de pessoas, entidades populares e sindicais, e políticos dos mais variados Partidos enviaram telegramas ou telefonaram para a sede do diretório regional do Partido. Devido a grande quantidade de mensagens recebidas, via telefone, as casas dos militantes foram também utilizadas para receberem as ligações, que demoravam até quatro horas para conseguir uma ligação. Cinquenta entidades sindicais e populares daquele Estado assinaram uma nota de pesar e solidariedade às famílias dos mortos e ao PCdoB, pela perda irreparável de dois de seus dirigentes. Entre as mensagens recebidas pela família de Glênio:

TELEGRAMA FONADO
DO. TELEFONE PARA A
E PAGUE DEPOIS.

TELEGRAMA FONADO
É CÔMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

TELEGRAMA RÁPIDO E
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

TELEGRAMA FONADO
É CÔMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

TELEGRAMA FONADO
É CÔMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

81701 W RNNT
81701 D RNNT
27/1530
PIZ00053 2707 1410
NAT AL/RN

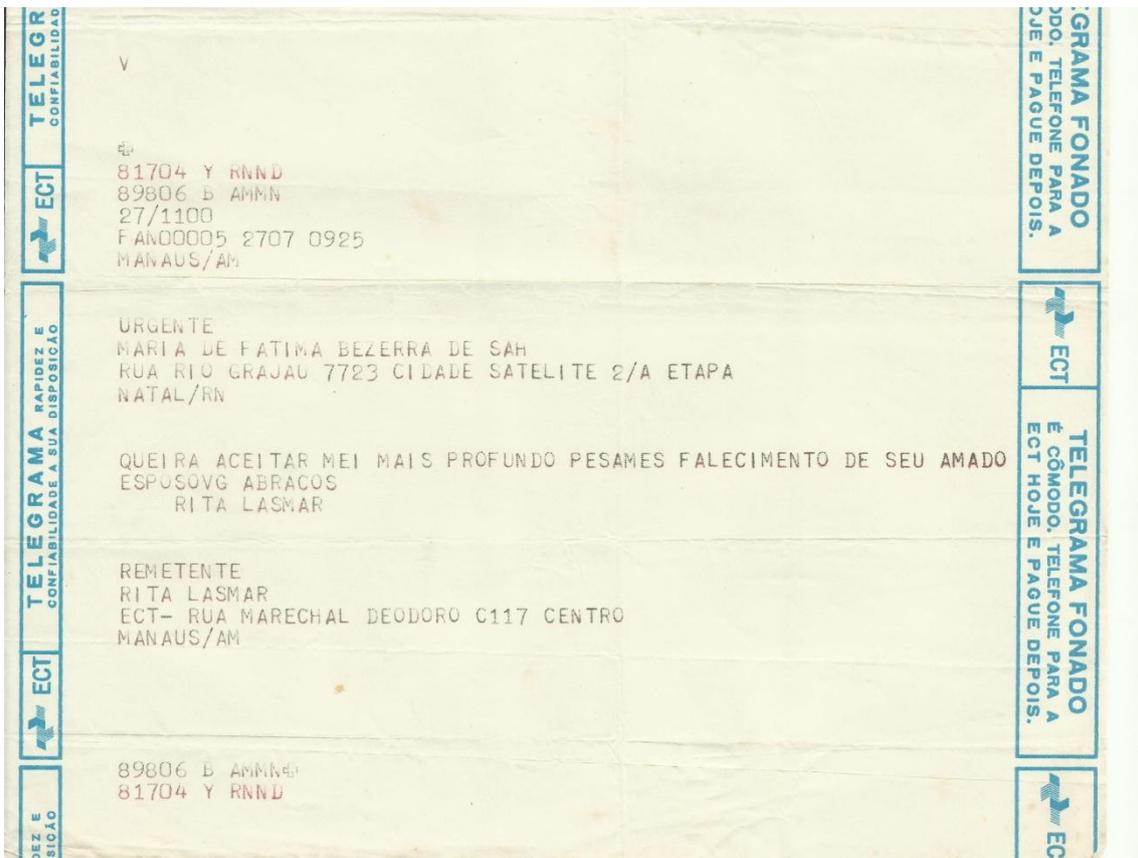
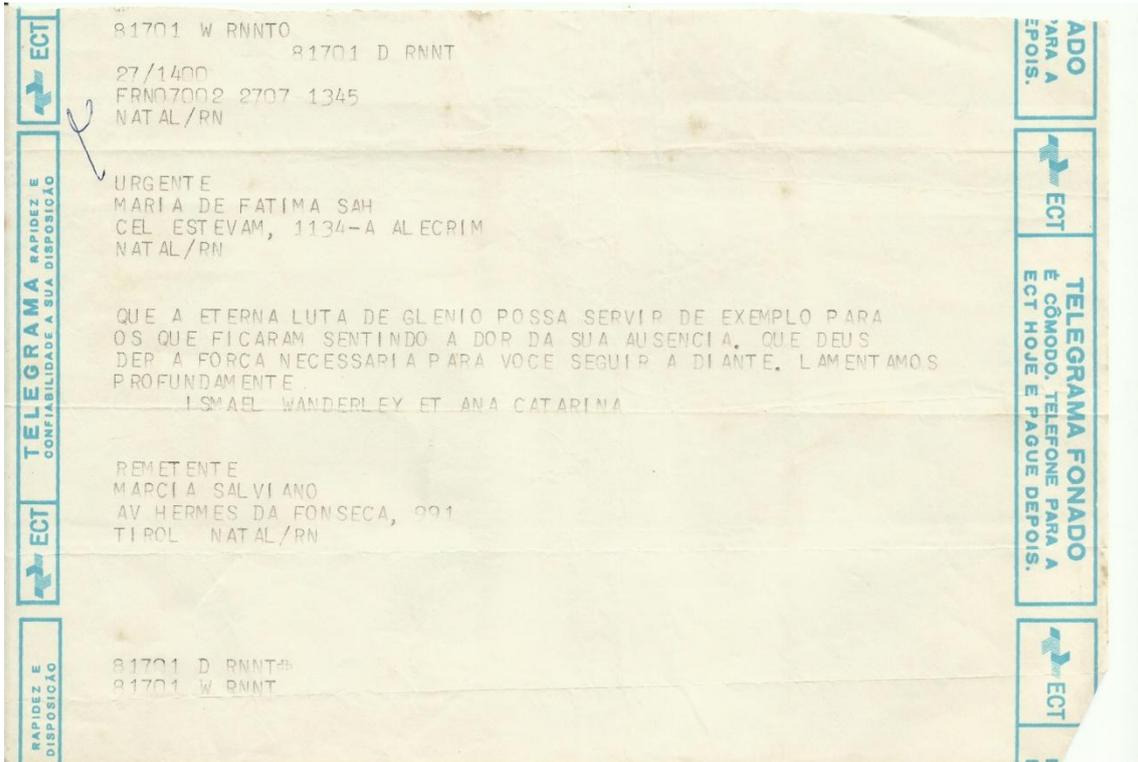
URGENTE
FATIMA SAH
RUA CEL ESTEVAM 1134-A ALECRIM
NAT AL/RN

A HISTORIA EH FEITA COM DEDICACAO E CORAGEM. CLENIO SAH FOI UM
AGENTE DA HISTORIA DE NOSSO PAIS ESCREVENDO COM HEROISMO UMA
DE SUAS PAGINAS. ACEITE SINCEROS PESAMES , SEU TRAGICO FALECIMENTO
EXTENSIVOS FAMILIA
ALDO TINOCO PRESIDENTE DIRETORIO PDT

REMETENTE
ALDO DA FONSECA TINOCO
RUA ULISSES CALDAS 91 CENTRO
NAT AL/RN

0
81701 D RNNT
81701 W RNNT

TELEGR
CONFIA
ECT
ECT
ECT
ECT



TELEGRAMA
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

ECT

TELEGRAMA RÁPIDO E
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

ECT

81704 X RNND
81626 Y RNMR
27/1540
FRK00908 2707 1535
MOSSORO/RN

URGENTE
FATIMA DE SAH
TRAVESSA JAGUARARI 1340 DIX-SEPT ROSADO
NATAL/RN

LAMENTAMOS TRAGICO ACIDENTE VITIMOU GLENIO APRESENTANDO NOSSO
PESAR
LUIZ JULITA ET FILHOS

REMETENTE
LUIZ EUGENIO FERNANDES
PCA TERCIO ROSADO 9
MOSSORO/RN

81626 Y RNMR
81704 X RNND

TELEGRAMA FONADO
TELEFONE PARA A
E PAGUE DEPOIS.

ECT

TELEGRAMA FONADO
É CÔMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

TELEGRAMA RÁPIDO E
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

ECT

TELEGRAMA RÁPIDO E
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

ECT

ULP#
81701 W RNNT
81701 D RNNT
27/1615
FRN07103 2707 1559
NATAL/RN

URGENTE
FATIMA SAH
AV. CORONEL ESTEVAM 1134-A
AL ECRIM
NATAL/RN

LAMENTAMOS PERDA TAO VALOROSO BRASILEIRO, GLENIO SAH,
IDEALISTA E COERENTE EM SUAS POSICOES. RECEBA NOSSO ABRACO
DE SOLIDARIEDADE PELO TRAGICO OCORRIDO.
LAIRE E SANDRA

REMETENTE
ADRIANA BENAVIDES
GABINETE DEP. LAIRE ROSADO
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
NATAL/RN

81701 D RNNT#
81701 W RNNT

ECT

TELEGRAMA FONADO
É CÔMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

ECT

TELEGRAMA FONADO
É CÔMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

TELEGRAMA RÁPIDO E
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

ECT

81703 Z RNNT
23761Z DFSH
30/1335
SHL68970 3007 1255
BRASILIA/DF

TELEGRAMA
FATIMA FERNANDES DE SA
RUA PROF. ZUZA, 99 CENTRO
NATAL/RN

SENTIMENTO PELO TRAGICO OCORRIDO CAMARADA GLENIO LAMENTO E
SOLIDARIZO-ME TODOS FAMILIARES
CAM. ALCIVAN VIANA

TELEGRAMA RÁPIDO E
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

ECT

81703 Z RNNT
REMETENTE: FRANCISCO ALCIVAN VIANA
QNN 08 CONJ. L CASA 07 GUARIROBA BSB /DF

81703 Z RNNT
23761Z DFSH

ECT

TELEGRAMA FONADO
E CÔMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

ECT

TELEGRAMA FON
E CÔMODO. TELEFONE
ECT HOJE E PAGUE D

TELEGRAMA RÁPIDO E
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

ECT

81848 Z RNED
81650 Z RNMU
30/1154
PNS00003 3007 1030
PENDENCIAS/RN



TELEGRAMA
NEUZA FATIMA FAMILIARES
RUA EDUARDO MEDEIROS CASA 22
CONJ. PARNAMIRIM
NATAL/RN(59160)

ABRACOS PESAR GRANDE DOR
ALDA E CHAGAS

REMETENTE
DADOS NAO FORNECIDOS

81650 Z RNMU
81848 Z RNED

TELEGRAMA RÁPIDO E
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

ECT

ECT

TELEGRAMA FONADO
E CÔMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

ECT

TELEGRAMA FONADO
E CÔMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

ECT

TELEGRAMA RÁPIDO E CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

ECT

TELEGRAMA RÁPIDO E CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

81701 D RNNT
81701 W RNNT
27/1200
FRNO6924 2707 1150
NATAL/RN

URGENTE
FATIMA DE SAH
RUA PROF ZUZA 99 CENTRO
NATAL/RN

RECEBA ET TRANSMITA TODA A FAMILIA NOSSAS CONDOLENCIAS PERDA
NOSSO AMIGO GLENIO,
TICIANO DUARTE
SECRETARIO DE ESTADDO DO TRABALHO

REMETENTE
ANA JACIRA FURTADO
RUA SAO JOSEH 1734 L NOVA
NATAL/RN

81701 W RNNT
81701 D RNNT

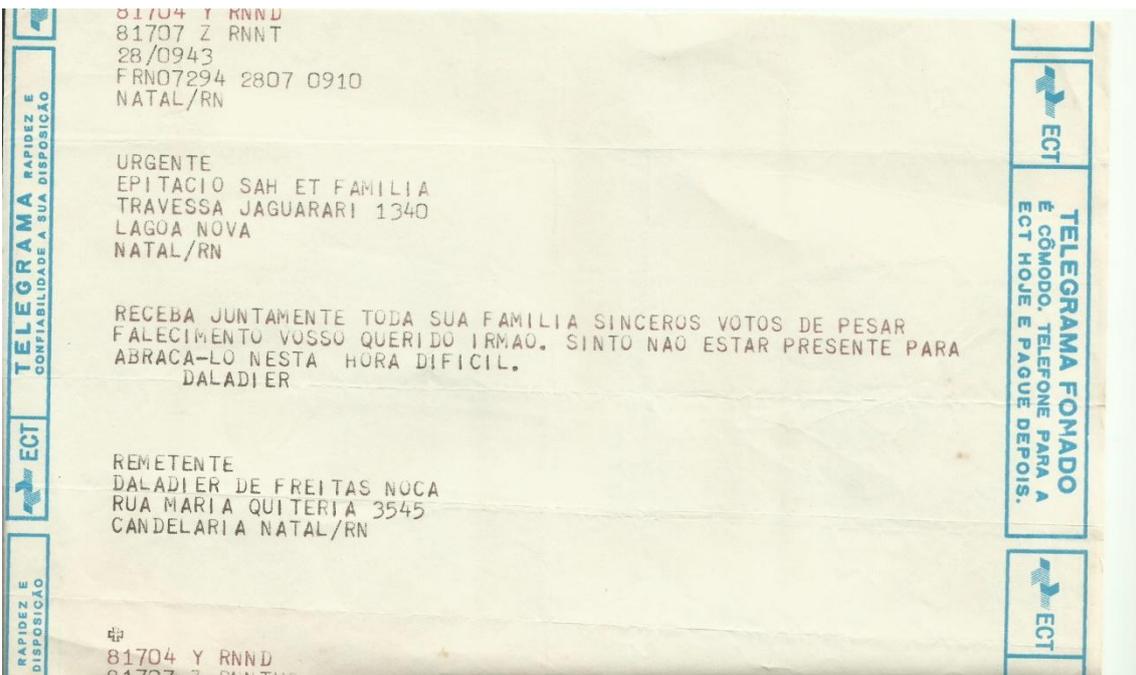
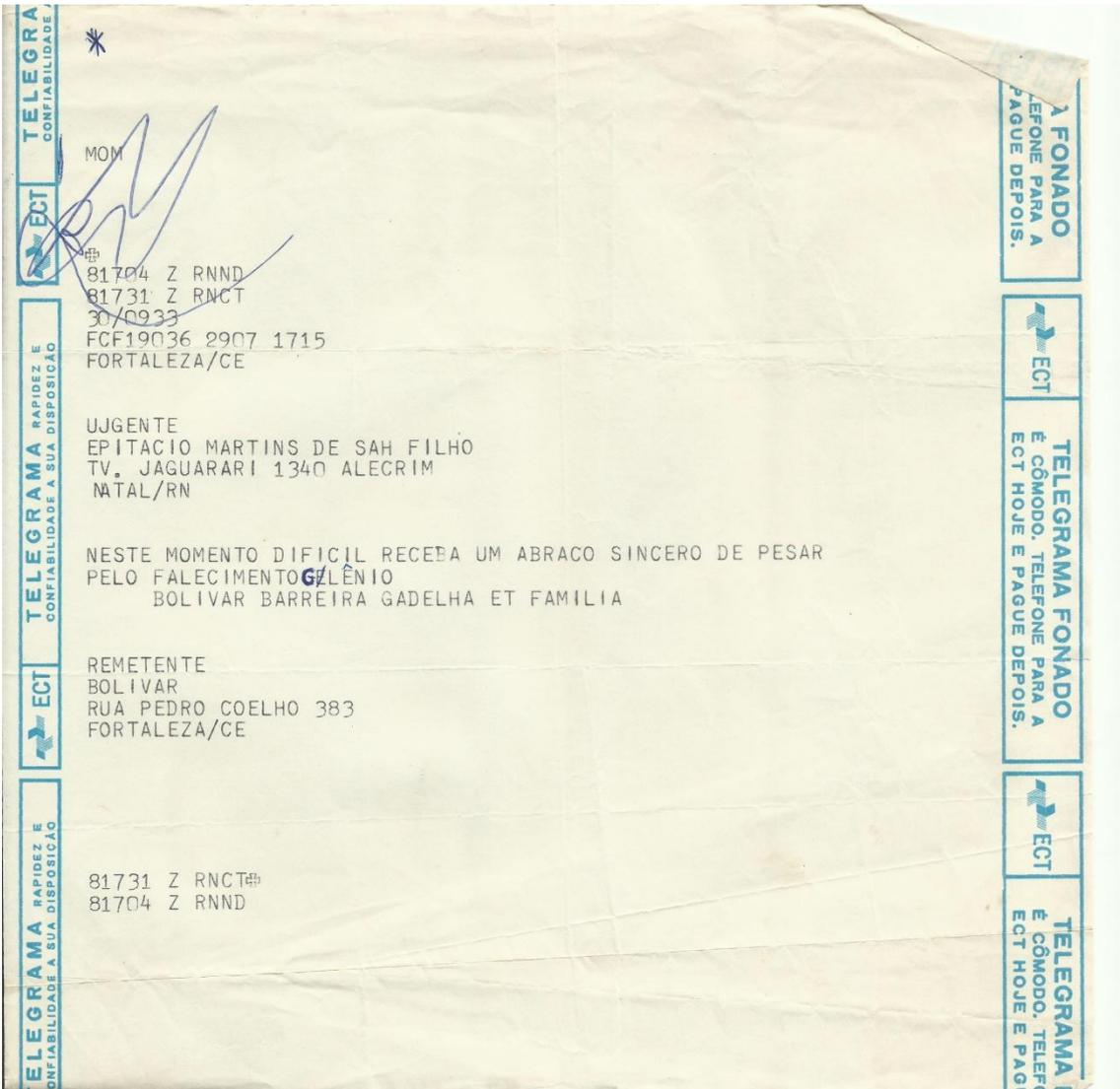
NADO PARA A DEPOIS.

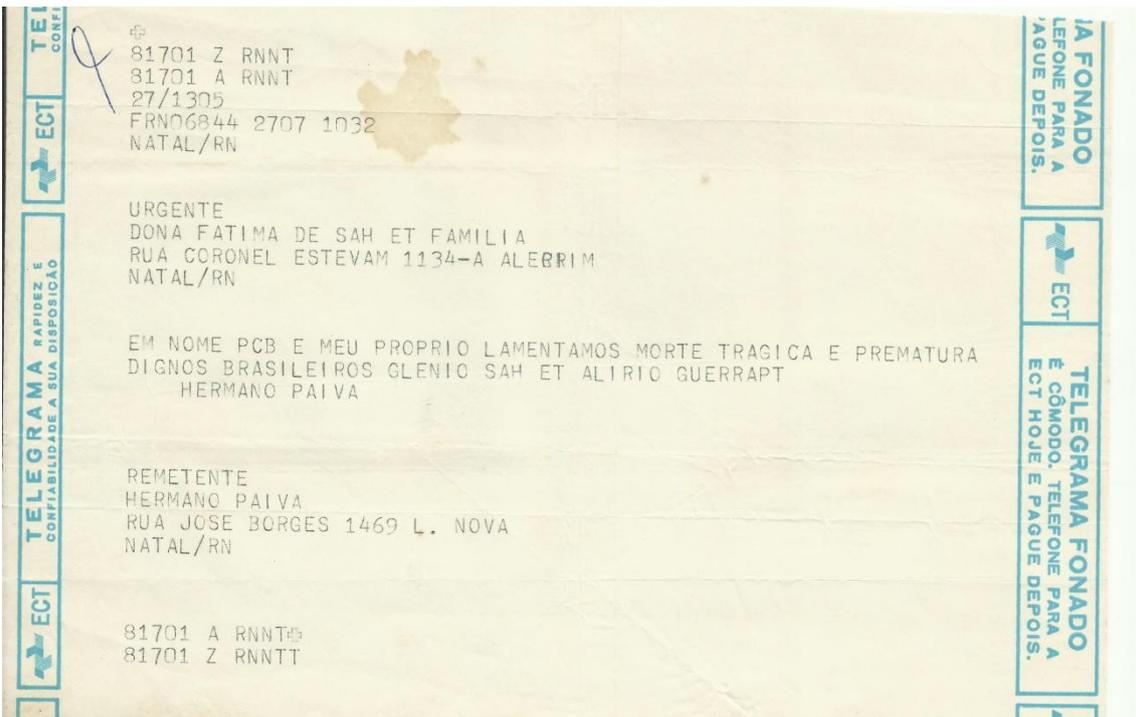
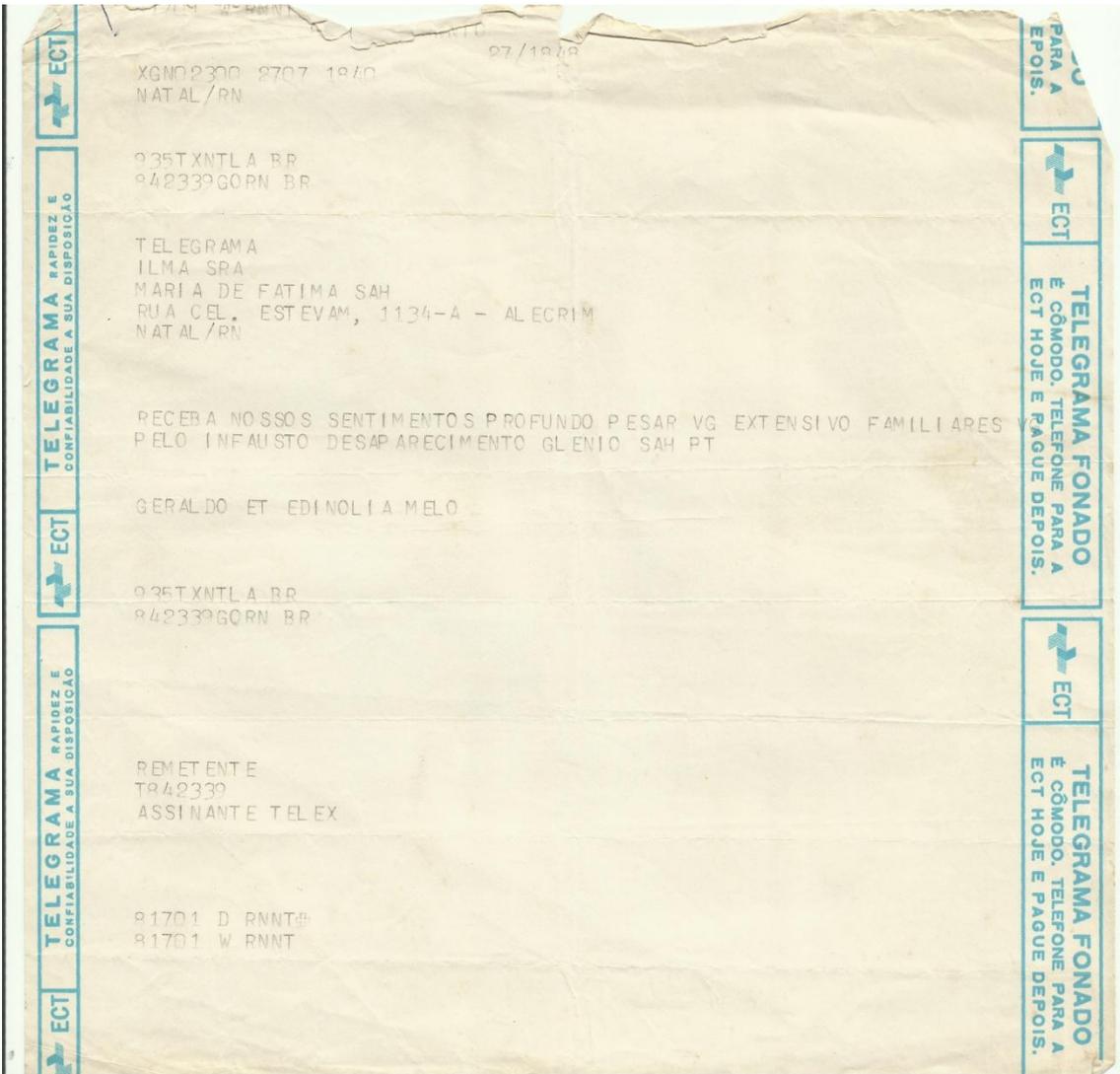
ECT

TELEGRAMA FONADO É CÔMODO. TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

ECT

TELEGRAMA FONADO É CÔMODO. TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.





TELEGRAMA CONFIA BILIDADE	81701 Y RNNT 81731 Z RNCT 27/1505 CAW00293 2707 1441 NATAL/RN	GRAMA FONADO O. TELEFONE PARA A JE E PAGUE DEPOIS.
ECT	URGENTE MARIA DE FATIMA SA RUA CEL. ESTEVAM-1134A ALECRIM NATAL/RN	ECT
TELEGRAMA RAPIDEZ E CONFIA BILIDADE A SUA DISPO SICO	SABEDOS SUBITO DESAPARECIMENTO AMIGO E GRANDE LIDER GLENIO SA, QUERO MANIFESTAR MEUS PESAMES A SENHORA E DEMAIS FAMILIARES. FORTE ABRACO. SENADOR LAVOISIER MAIA	TELEGRAMA FONADO E CÔMODO. TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.
ECT	REMETENTE SEN. LAVOISIER MAIA R. LAFAYETE LAMARTINE, 1954 ALTA DA CANDELARIA NATAL/RN	ECT
E SAO	81731 Z RNCT# 81701 Y RNNT	ECT

TELEGRAMA RAPIDEZ E CONFIA BILIDADE A SUA DISPO SICO	81704 Y RNND 81733 Z RNAU 30/1152 CRB00014 3007 1012 CARAUBAS/RN	ECT TELEGRAMA FONADO E CÔMODO. TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.
ECT	TELEGRAMA IVONETE SA R. PADRE CHAMPIGNAT N/O 1867 NATAL/RN	ECT
RAMA RAPIDEZ E DE A SUA DISPO SICO	A VOCE E DEMAIS FAMILIARES EXPRESSAMOS NOSSO PESAR TRAGICO DESAPARECIMENTO GRANDE AMIGO GLENIO	TELE E CÔM ECT HC
	REMETENTE LICURGO E FAMILIA PRACA SAO SEBASTIAO CARAUBAS/RN	ECT
	81733 Z RNAU# 81704 Y RNND	TELE E CÔM ECT HC

ECT

TELEGRAMA RAPIDEZ E
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSICAO

ECT

TELEGRAMA RAPIDEZ E
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSICAO

81701 W RNNT
81701 D RNNT
27/1359
FRNO7002 2707 1345
NAT AL/RN

URGENTE
MARIA DE FATIMA SAH
CEL ESTEVAM, 1134-A ALECRIM
NAT AL/RN

QUE A ETERNA LUTA DE GLENIO POSSA SERVIR DE EXEMPLO PARA
OS QUE FICARAM SENTINDO A DOR DA SUA AUXENCIA, QUE DEUS
DER A FORCA NECESSARIA PARA VOCE SEGUIR A DIANTE. LAMENTAMOS
PROFUNDAMENTE
ISMAEL WANDERLEY ET ANA CATARINA

REMETENTE
MARCIA SALVIANO
AV HERMES DA FONSECA, 991
TIROL NATAL/RN

81701 D RNNT#
81701 W RNNT

ECT

TELEGRAMA FONADO
E COMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

ECT

TELEGRAMA F
E COMODO. TELEFON
ECT HOJE E PAGUE

TELEGRAMA RÁPIDO
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

ECT

TELEGRAMA RÁPIDO E
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

ECT

TELEGRAMA RÁPIDO E
CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

81701 Z RNNT
23721 G DFBR
28/1425
XDF23252 2807 0905 STT/DF(057)
BRASILIA/DF

TELEGRAMA
NATAL/RN(59000)

935TXBSAJ BR
613452PRDSG BR
613452PRDSA BR

TELEGRAMA

REMETENTE: SENADOR JAMIL HADDAD

FATIMA SA
AV. CEL. ESTEVAO 1134-A ALECRIM
ALECRIM
NATAL R.G. NORTE/RN(59000)

NR. SETELE/3833 27/07/90

ACEITE VOTCS PROFUNDO PEZAR, PASSAGEM VALOROSO COMPANHEIRO
GLENIO. ROBERTO AMARAL SEC. GERAL E SEN. JAMIL HADDAD PRESIDENTE
COMISSAO EXECUTIVA NACIONAL DO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO.

613452PRDSA BR

REMETENTE
DADOS NAO FORNECIDOS

STT FDF009/DK
23721 G DFBR#
81701 Z RNNTOKOK AGD BYEBYE

ECT

TELEGRAMA FONADO
É CÔMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

ECT

TELEGRAMA FONADO
É CÔMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

ECT

ECT

TELEGRAMA
CONFIAVELIDADE A SUA
ECT
TELEGRAMA
RAPIDEZ E
CONFIAVELIDADE A SUA DISPOSIÇÃO
ECT
RAMA
RAPIDEZ E
CONFIAVELIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

81701 Z RNNT
81701 B RNNT
27/1216
FRND6927 2707 1216
NATAL/RN

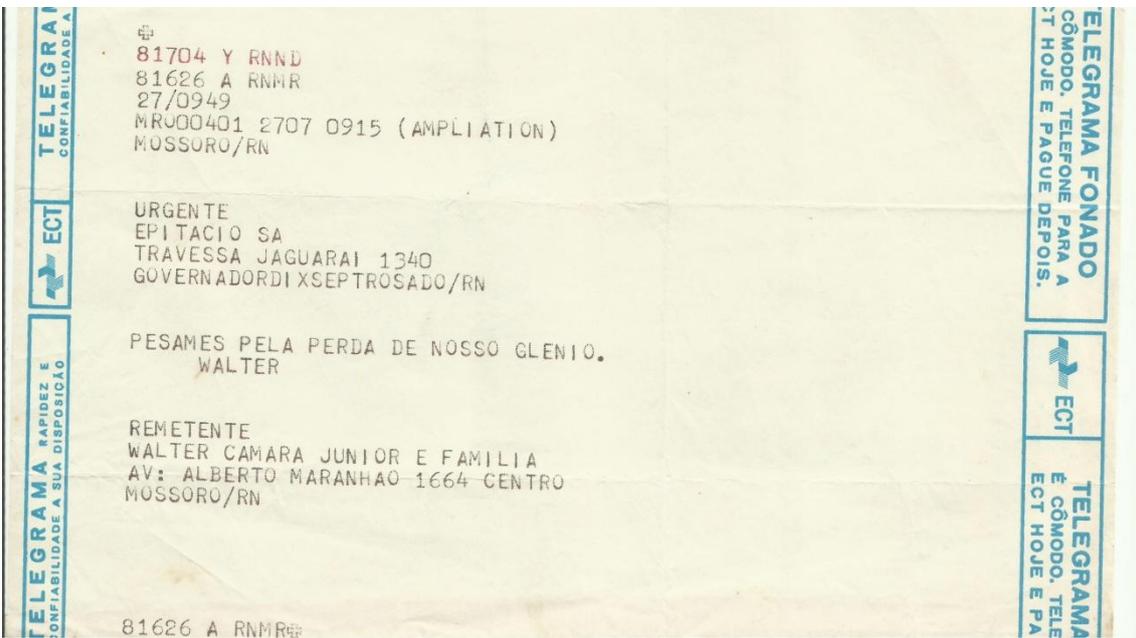
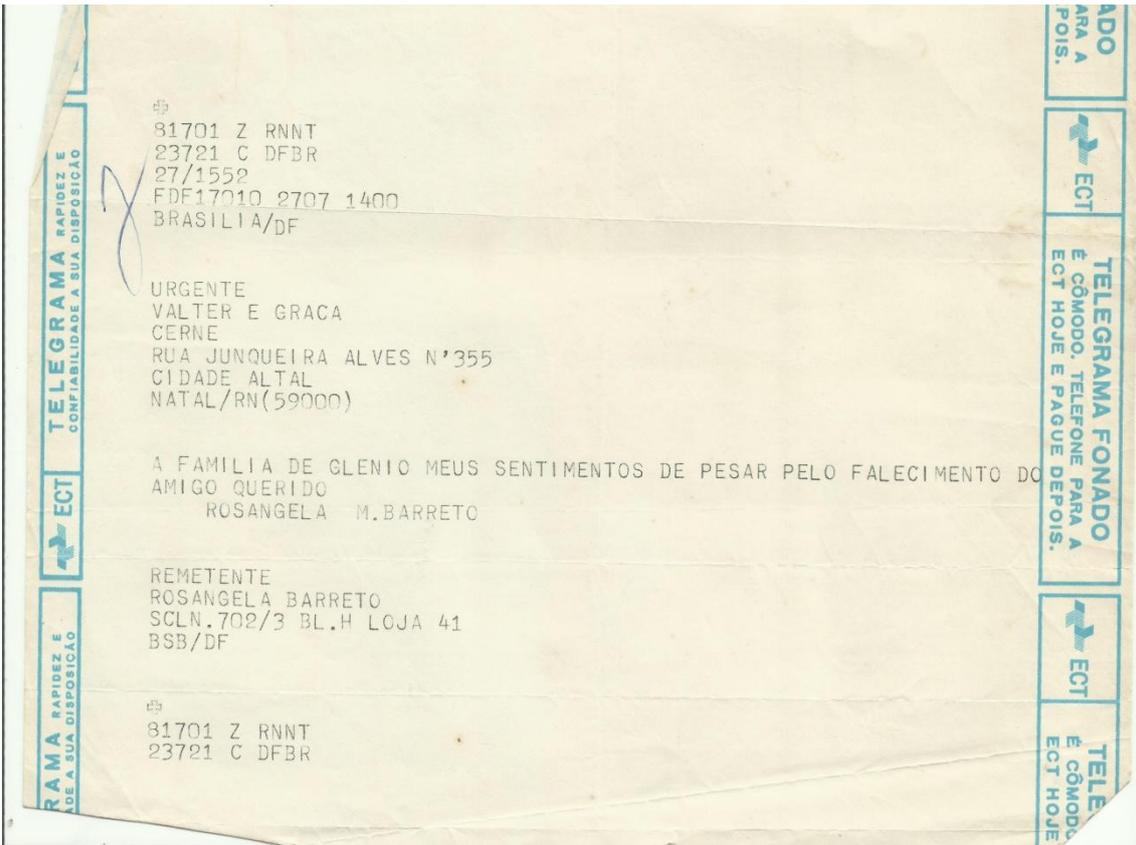
URGENTE
MARIA DE FATIMA SA
RUA CORONEL ESTEVAM 1134-A
ALECRIM
NATAL/RN

COMPARTILHAMOS PROFUNDO SENTIMENTO DOR PERDA DOS COMPANHEIROS
GLENIO SA E ALIRIO GUERRA, LUTARAM ATEH O ULTIMO MOMENTO SUAS
VIDAS PELA DEMOCRACIA CONSTRUCAO DE SOCIEDADE JUSTA.
TRANSMITIMOS MAIS SENTIDAS CONDOLENCIAS SUA FAMILIA E MILITANTES
PCDOB CERTEZA LUTA CONTINUARAH CONSTRUCAO SOCIALISMO,
PARTIDO DOS TRABALHADORES DIRETORIO REGIONAL/RN

REMETENTE
PARTIDO DOS TRABALHADORES(IEDA MEDEIROS PRESIDENTE)
RUA GONCALVES LEDO 708 CENTRO
NATAL/RN

81701 B RNNT^{em}
81701 Z RNNT

TELEGRAMA FONADO
SEMODO. TELEFONE PARA A
HOJE E PAGUE DEPOIS.
ECT
TELEGRAMA FONADO
SEMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.
ECT
TELEGRAMA FONADO
SEMODO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.



Partem os caminhantes do sonho*

Christian Vasconcelos**

No dia 26 de julho de 90, dois dirigentes do Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Norte, Glênio Sá, candidato ao Senado, e Alírio Guerra, candidato a deputado estadual, perderam a vida num acidente automobilístico entre as cidades de Coronel Ezequiel e Jaçanã, na região Agreste do Estado. Com eles estavam também o advogado Antenor Roberto, candidato do PCdoB a deputado federal, e o bioquímico Valdo Teodósio, que ficaram feridos.

Surpreendida pela tragédia que levou a vida de dois de seus mais queridos e valorosos filhos, Natal acordou com seu brilho solar ofuscado por esta dor tão doída e, somando-se aos militantes do PCdoB, familiares e amigos de Glênio e Alírio, chorou essa partida sem volta.

O Partido Comunista do Brasil, neste momento de grandes lutas políticas em todo o país, sente-se duramente atingido com a perda de dois de seus melhores quadros, que empunharam durante toda a sua vida, com vigor e combatividade, a bandeira do socialismo. Orientaram toda a sua ação para a conquista desse objetivo libertador, o que os dignifica diante de todos aqueles que os conheciam. Em especial, os trabalhadores e democratas do Rio Grande do Norte sabem a lacuna deixada por esses companheiros, pois era ao lado do povo trabalhador e dos idealizadores de uma sociedade democrática e livre que estavam Glênio e Alírio, colocando à disposição dessa causa toda a sua sabedoria e experiência.

Desde o dia do acidente, a sede regional do PCdoB e as residências de nossos camaradas se tornaram verdadeiros depositários das mais calorosas mensagens de solidariedade vindas de todo o Brasil, dos mais diferentes segmentos da sociedade, como milhares de telefonemas e telegramas. As chamadas telefônicas para a residência do companheiro Alírio chegaram a ficar interditadas, levando-se até quatro horas para se conseguir uma ligação.

Como prova do reconhecimento incontestável ao valor dos camaradas, diversas entidades e partidos políticos se colocaram à disposição de nosso Partido naquele momento, além de tomarem iniciativa própria no sentido de registrar diante da sociedade seu pesar, com manifestações na imprensa, com notas assinadas por todos os sindicatos e partidos políticos.

No final da sexta-feira, 27. dia de

muita dor, enquanto o sol começava a corar a terra no seu ritual diário de se esconder para acordar no dia seguinte, também seguiam Alírio e Glênio em outro ritual e, infelizmente, para não voltarem mais.

Centenas de carros e ônibus que se deslocavam lentamente num grande cortejo marcado pelas bandeiras vermelhas dos partidos e da CUT, eram saudados em todas as ruas pelas pessoas que se punham nas calçadas para também darem seu último adeus àqueles que por tanto tempo foram seus porta-vozes na luta por uma sociedade justa e igualitária.

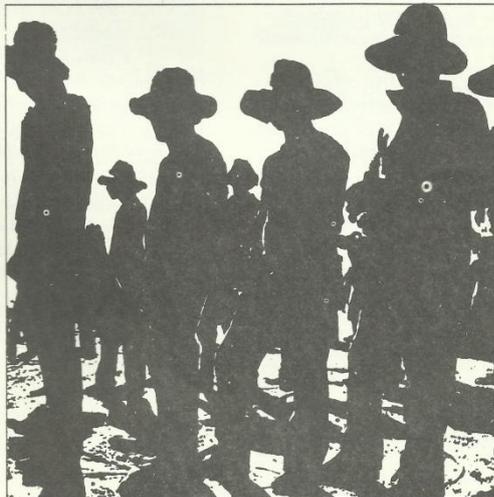
Na caminhada de pelo menos 500 metros até o cemitério, quando se cantou a "Canção da América", de Milton Nascimento e Fernando Brandt, insistindo que "amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito" reafirmávamos o vigor das suas vidas e gritávamos seus nomes acrescidos da frase "está presente".

A chegada ao cemitério, no que pese todo sofrimento vivido pelos militantes do PCdoB, companheiros do movimento sindical, popular e democrático e, particularmente, seus familiares, foi um momento de muita emoção. Ali mais uma vez era reafirmada a presença de toda a sociedade através de centenas de coroas de flores enviadas pelos mais diversos segmentos.

Nessa hora, houve um ato político, com a execução do Hino Nacional, simbolizando os grandes cidadãos, grandes políticos e grandes patriotas que o Brasil perdia, sobretudo o Brasil sofrido e marcado pelas injustiças. Com a presença de uma representação do Comitê Central, dos membros do Comitê Regional do PCdoB, de diversos segmentos políticos locais e os familiares, registraram-se o maior legado deixado pelos

camaradas foram as suas idéias libertárias, acrescentando "ser preciso ter muitas vidas para se despedir de companheiros como Glênio Sá e Alírio Guerra".

Ao som do hino dos oprimidos, "A Internacional", os camaradas foram levados ao último leito, envoltos nas bandeiras vermelhas do PCdoB.



*Manchete do jornal DOIS PONTOS, de Natal.

**Membro do Comitê Regional do PCdoB no RN (Esta matéria foi publicada no jornal "Classe Operária", n.º 46)

Militantes exemplares

Dynéas Aguiar*

Vítimas de trágica ocorrência, faleceram os camaradas Glênio Sá e Alírio Guerra e ficaram feridos os companheiros Antenor Roberto e Valdo Teodósio. O acidente ocorreu quando cumpriam tarefas do Partido ligadas à campanha eleitoral.

Os camaradas Glênio e Alírio vinham se projetando no Rio Grande do Norte como lideranças comunistas com grande base popular.

É uma grande perda para o nosso Partido no Estado e nacionalmente. Suas militâncias foram interrompidas num momento em que atingiam plena maturidade pela experiência acumulada de dezenas de anos de dedicação integral à causa revolucionária do proletariado e do povo brasileiro.

Glênio e Alírio se incorporaram à luta no período da ditadura militar. Estudantes, participam das gloriosas batalhas que marcaram a presença da juventude em defesa da soberania nacional e das liberdades democráticas, no final da década de 60.

Após a decretação do AI-5, Alírio passa à clandestinidade e continua atuando no nordeste. Glênio, nessa época, desloca-se para o campo. Junto a dezenas de outros militantes do PCdoB, organiza a resistência armada ao banditismo e ao terrorismo do ditador Garrastazu Médici.

Em abril de 1972, quando as forças armadas atacaram os moradores do sul do Pará, Glênio se encontrava entre os que enfrentaram audazmente a violência do regime militar. Glênio foi elemento ativo das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

Preso, foi dos poucos que conseguiu sobreviver às torturas e sevícias que sofreram os que caíram nas mãos dos detentores do poder.

Juntamente com Alírio e outros camaradas, procura imediatamente

reorganizar o Partido no Estado. Esta reestruturação exigia não só dedicação, mas, igualmente, capacitação política e firmeza ideológica para enfrentar os ataques que grupos anticomunistas, posando de "esquerdistas", desencadearam contra o PCdoB.

O agrupamento de comunistas que foi se constituindo em torno de Glênio e Alírio repudiou a tentativa dos divisionistas que tentaram rachar o Partido em 79/80. Desde então, o Partido no Estado cresceu, expandiu sua organização não só na capital como também em um bom número de municípios do interior. Politicamente a nossa influência vem se consolidando no movimento sindical, popular, na organização das mulheres e da juventude.

Estes êxitos, fruto da atividade abnegada de nossos militantes potiguares, devem-se também ao exemplo de combatividade e dedicação ao Partido e à Revolução, que sempre foram as marcas de Glênio e Alírio.

O exemplo de dedicação ao Partido e à luta do proletariado que marcaram as vidas a a militância de Glênio e Alírio servirá de estímulo e fator de educação para os atuais militantes do Partido e para as centenas de milhares de novos membros que, sem dúvida alguma, irão se incorporar às fileiras do Partido Comunista do Brasil.

Nós, comunistas, militantes e dirigentes do PCdoB reverenciamos nossos heróis, nossos mártires e os camaradas que tombaram em seu posto de combate, convictos da causa que abraçamos, a mais nobre na atual sociedade. Sua vitória demonstrará que nenhum sacrifício foi em vão, pois sem luta e abnegação não pode haver liberdade para o povo e independência para a nação.

**Da direção nacional do PCdoB.
(Artigo publicado no jornal "A Classe Operária"
nº 46*

A Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores tem doloroso pesar de comunicar a morte dos companheiros Glênio Sá e Alírio Guerra em acidente automobilístico na cidade de Jaçanã, no interior do Rio Grande do Norte. O companheiro Glênio Sá era militante do PCdoB e candidato da Frente Popular Potiguar ao Senado Federal. O companheiro Alírio Guerra era destacado militante sindical classista da CUT e candidato à Assembléia Legislativa. Lamento a morte de tão valorosos companheiros. A Comissão Executiva

do PT se associa à dor de todos os socialistas e democratas do Rio Grande do Norte. Transmite às famílias de Glênio Sá e Alírio Guerra as mais sentidas condolências.

*Luís Inácio Lula da Silva,
Presidente nacional do PT*

Família socialista brasileira, profundamente consternada, lamenta perda irreparável combativos companheiros Alírio Guerra e Glênio Sá.

*Jamil Haddad,
Presidente nacional do PSB
e Roberto Amaral,
Secretário Geral do PSB*

Lamentamos o brutal acidente que vitimou os amigos e companheiros Alírio Guerra e Glênio Fernandes de Sá, valorosos lutadores das causas justas. Os latino-americanos de origem palestina estão solidários neste momento de tristeza com todos os seus familiares e membros do Partido.

*Prof. Hanna Yousef Safieh e
Ali Al-Khatib, da Confederação Palestina da
América Latina e do Caribe*

Homens e ideais

Editorial do jornal O.POTI, de Natal/RN, do dia 27/07/1990:

Esta não é a hora de julgar o acerto das posições políticas e ideológicas assumidas por Alírio Guerra e Glênio Sá ao longo de suas vidas. Se um sonhava com a implantação do socialismo como uma utopia possível e se o outro lutava, com as armas e depois com as palavras, para implantar a democracia ideal com a igualdade social.

Importa registrar que eram homens de ideal, movidos pela estranha força que move o animal político, consciente de seu papel, construtor do seu próprio destino. Importa registrar que, acreditando na luta, lutaram até o limite de suas forças, deixando o legado da coerência, mesmo diante de todas as dificuldades e derrotas.

A luta política se faz assim, com homens e ideais. Sem eles, a política seria uma monótona ciência de postulados exatos e, para exercê-la, seria necessário apenas ser um calculista dos gestos e afirmações. A política é uma ciência e, ao mesmo tempo, uma arte, na medida em que é um permanente desafio ao homem.

Arrastando seus destinos traçados no próprio rosto, cada um soube acreditar nos seus ideais, investir nos seus sonhos, combater seu combate. E, como se adivinhassem o futuro tão pequeno, tinham pressa. Corriam todas as regiões do Estado, participavam de todos os movimentos, tocavam a vida como se ela fosse uma missão política.

(...)Mas, Glênio e Alírio nunca prometeram vitória a ninguém. Prometeram lutar. E isso eles fizeram até à morte.



Um duro golpe

Telegrama do presidente nacional do PCdoB aos comunistas potiguares e às famílias de Alírio e Glênio:

Profundamente consternados pela notícia do acidente que roubou a vida dos nossos queridos camaradas Glênio e Alírio, enviamos aos comunistas do Rio Grande do Norte e às famílias dos mortos sentidas condolências.

O desaparecimento desses dois camaradas, que dedicaram o

melhor de sua existência à luta pela liberdade, a independência nacional e o socialismo, em defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo, representa um duro golpe para o Partido.

Fica, porém, o seu grande exemplo de abnegação e combatividade, como dirigentes e militantes comunistas, que há de inspirar os camaradas do Rio Grande do Norte na tarefa de levar adiante os ideais que eles defenderam com dignidade e ânimo revolucionário.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil inclina suas bandeiras de combate em homenagem aos camaradas Glênio e Alírio, mortos no cumprimento de tarefas políticas do Partido. Seus nomes serão sempre lembrados por todos os que lutam por um mundo livre e progressista.

**João Amazonas
pelo Comitê Central do PCdoB**